ISSN: 2318-6852

Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2026/27

2º LEVANTAMENTO

Outubro 2026

volume 14
número

2

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)
Fernanda Machiaveli Morão de Oliveira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Silvio Isoppo Porto

Diretor-Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)
Benhur Borba Freitas

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)
Hermézio Serrano Filho

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)
Arnoldo Anacleto de Campos

Diretora-Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Naiara Andreoli Bittencourt

Coordenador Técnico
Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)
Séfora Silvério

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)
Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)
Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Martha Helena Gama de Macêdo
Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriella de Jesus Teixeira
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Otávio Coscrato Cardoso da Silva
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

André Luís Zorzi (Modelagem econométrica - Gefab), Bruno de Souza Machado (Gefab - algodão e arroz), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Fernando Gomes da Motta (Gefab), Frederico Vaz Sampaio (Gerpa - milho), Giovanna Bispo Tibaldi (Gefab - feijão), Leandro Menegon Corder (Gefab - trigo), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja) e Marco Antônio Garcia Martins Chaves (Gerpa).

Superintendências regionais

AC, AL, AM, BA, DF, CE, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RN, RS, RO, SP, SC, SE, TO

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2026/27
2º LEVANTAMENTO

ISSN 2318 6852
Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.14 – Safra 2026/27, nº2 - Segundo levantamento, p. 1-103, novembro 2026.

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Marilia Malheiro Yamashitae Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 14, safra 2026/27, n.2, segundo levantamento,novembro 2026.

Dados Internacionais de Catagolação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-

v.

Mensal

Disponível em: http://www.conab.gov.br

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título. CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7 RESUMO EXECUTIVO

13 INTRODUÇÃO

17 ANÁLISE CLIMÁTICA

24 ANÁLISE DAS CULTURAS

24 ALGODÃO

28 ARROZ

38 FEIJÃO

53 MILHO

67 SOJA

80 TRIGO

88 OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

93 OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

RESUMO EXECUTIVO

A segunda previsão, para a safra de grãos 2026/27, confirma mais um crescimento na agricultura brasileira. A recente pesquisa de campo apresenta crescimento de 2,3% sobre a área cultivada na safra 2025/26, estimando-se o cultivo de 85,3 milhões de hectares, correspondendo a uma incorporação de 1,9 milhão de hectares.

Na composição da área total cultivada no país, a semeadura das culturas de primeira safra, com o calendário de plantio finalizando em dezembro, avança conforme as condições climáticas em cada região. Para as culturas de segunda e terceira safras, assim como as de inverno, a semeadura tem início em janeiro, com encerramento em junho.

Assim, a área atualmente estimada ainda poderá sofrer alterações, pois, dependem de variáveis, como o comportamento do mercado e das condições climáticas, entre outras.

Para a safra que se inicia, a segunda estimativa indica um volume de produção de 366,1 milhões de toneladas, 1,3% ou 4,6 milhões de toneladas superior ao obtido na safra anterior. Neste início de novembro, com a semeadura das culturas de primeira safra em andamento, coloca as atenções do setor produtivo nas condições climáticas e no desenvolvimento inicial das lavouras.

Para os cálculos da área e da produtividade, considerando que as culturas de primeira safra ainda estão em fase de plantio e as demais culturas (de segunda e terceira safras e as de inverno), com os plantios iniciando a partir de janeiro até junho, as projeções baseiam-se em levantamentos de campo, análises de mercado, modelos estatísticos e climáticos, além de informações provenientes de sensoriamento remoto. Esses dados serão atualizados e refinados nos próximos levantamentos, conforme o desenvolvimento das lavouras.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

Algodão

A previsão indica crescimento de 3,7% na área a ser cultivada, alcançando uma área total de 2,1 milhões de hectares e produção total estimada em 10,1 milhões de toneladas, considerando caroço e pluma, correspondendo a 4,2 milhões de toneladas de pluma. Plantio não iniciado.

Arroz

Para a presente safra, estima-se uma redução de 0,8% na área, prevista em 1,5 milhão de hectares, e uma produção de 10,6 milhões de toneladas, 4,7% abaixo da safra 2025/26. As operações de preparo do solo e plantio se intensificam, com o plantio em andamento, somando 50,8% no início de novembro. Nesta safra, a área da cultura irrigada apresenta redução de 2,4%, estimada em 1,2 milhão de hectares, e a de sequeiro, com crescimento de 7%, estimada em 270,7 mil hectares.

Feijão

A produção total de feijão no país, somando-se as três safras, está estimada em 2,9 milhões de toneladas, 1,8% abaixo da safra anterior. Para a primeira safra, o levantamento acusa um aumento de 0,3% na área semeada, estimada em 795,1 mil hectares e produção de 931,5 mil toneladas. Com o plantio em andamento, no início de novembro, somava 33,5% da área semeada. Nos principais estados produtores, Minas Gerais somava 26,1%, Paraná 76%, Bahia 23% e São Paulo, com 100% da área concluída. Para a segunda e terceira safras, o calendário de plantio inicia-se em janeiro, finalizando em junho.

Milho

Somando as três safras, a produção está estimada em 148 milhões de toneladas, 2,4% acima da safra anterior. Para a primeira safra, prevê-se um crescimento de 10,7% na área cultivada, estimada em 4,5 milhões de hectares, com previsão de se colher 32,1 milhões de toneladas. Plantio em andamento no país, com 44,2% concluído no início de novembro. No Rio Grande do Sul, onde a semeadura tem início a partir do final de agosto, na mesma data, a semeadura somava 82% da área concluída, 94% no Paraná, 90% em Santa Catarina e 19% em Minas Gerais e em São Paulo.

Para a segunda safra, é previsto um crescimento de 3,7% na área, estimado em 18,5 milhões de hectares, e uma produção de 113,3 milhões de toneladas, para a terceira safra, crescimento de 0,4% na área, estimado em 677,9 mil hectares e a produção em 2,7 milhões de toneladas. Os plantios da segunda e terceira safras têm início a partir de janeiro e abril, respectivamente.

Soja

A área é estimada em 49,3 milhões de hectares, crescimento de 1,4%, e a produção em 181,6 milhões de toneladas, aumento de 0,7%, ou 1,2 milhão de toneladas acima do volume produzido na safra anterior. A semeadura, em âmbito nacional, no início de novembro somava 54,3%, contra 51,8% na média dos últimos cinco anos. Nos maiores estados produtores de soja do país, Mato Grosso, na mesma data contava com 90,8% da área concluída, Paraná com 62%, Goiás com 58%, São Paulo com 70% e Rio Grande do Sul com 11%.

Trigo

A safra 2026 ainda está sendo colhida. A previsão aponta para uma produção de 5,3 milhões de toneladas, 33,2% abaixo da safra 2025. A diminuição em relação às primeiras estimativas é ocasionada, principalmente, pela redução da área e pelo comportamento climático desfavorável, sobretudo no Paraná e no Rio Grande do Sul. A colheita, em âmbito nacional, atingia no início de novembro 66,9%, faltando concluir nos estados da Região Sul, com previsão de encerramento em dezembro.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2025/26 e 2026/27					
Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	**2.018,4**	**2.093,0**	**3,7**	**2.911**	**2.817**	**(3,2)**	**5.876,2**	**5.895,6**	**0,3**
ALGODÃO - PLUMA	**2.018,4**	**2.093,0**	**3,7**	**2.054**	**1.986**	**(3,3)**	**4.145,3**	**4.157,5**	**0,3**
AMENDOIM TOTAL	**281,9**	**272,2**	**(3,4)**	**4.547**	**4.085**	**(10,2)**	**1.281,7**	**1.111,8**	**(13,3)**
Amendoim 1ª Safra	274,8	265,1	(3,5)	4.621	4.149	(10,2)	1.269,7	1.099,7	(13,4)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,1	-	1.700	1.711	0,7	12,0	12,1	0,8
ARROZ	**1.516,7**	**1.504,5**	**(0,8)**	**7.303**	**7.014**	**(4,0)**	**11.076,2**	**10.552,4**	**(4,7)**
Arroz sequeiro	252,9	270,7	7,0	2.548	2.584	1,4	644,5	699,7	8,6
Arroz irrigado	1.263,8	1.233,8	(2,4)	8.254	7.986	(3,3)	10.431,7	9.852,7	(5,6)
FEIJÃO TOTAL	**2.540,4**	**2.533,0**	**(0,3)**	**1.162**	**1.144**	**(1,5)**	**2.952,6**	**2.898,6**	**(1,8)**
FEIJÃO 1ª SAFRA	**793,0**	795,1	**0,3**	**1.228**	1.172	**(4,6)**	**973,9**	**931,5**	**(4,4)**
Cores	333,2	336,4	1,0	1.806	1.738	(3,8)	601,7	584,6	(2,8)
Preto	116,2	111,8	(3,8)	1.761	1.745	(0,9)	204,6	195,2	(4,6)
Caupi	343,6	346,9	1,0	488	438	(10,1)	167,5	152,0	(9,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	**1.372,1**	1.346,1	**(1,9)**	**955**	**939**	**(1,7)**	**1.309,9**	**1.263,3**	**(3,6)**
Cores	287,2	290,7	1,2	1.590	1.549	(2,6)	456,9	450,3	(1,4)
Preto	184,5	211,8	14,8	1.435	1.471	2,5	264,7	311,7	17,8
Caupi	900,4	843,6	(6,3)	653	594	(9,0)	588,4	501,5	(14,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	**375,3**	**391,8**	**4,4**	**1.782**	1.796	**0,8**	**668,8**	**703,6**	**5,2**
Cores	322,8	337,7	4,6	1.940	1.960	1,1	626,0	661,9	5,7
Preto	14,3	14,7	2,8	1.270	1.120	(11,8)	18,2	16,5	(9,3)
Caupi	38,2	39,4	3,1	645	641	(0,7)	24,7	25,3	2,4
GERGELIM	**570,2**	**570,2**	**-**	598	**563**	**(5,9)**	**340,9**	**320,8**	**(5,9)**
GIRASSOL	**77,6**	**77,6**	**-**	1.257	**1.243**	**(1,1)**	**97,5**	**96,5**	**(1,0)**
MAMONA	**70,7**	**70,7**	**-**	**1.712**	**1.615**	**(5,7)**	**121,1**	**114,2**	**(5,6)**
MILHO TOTAL	**22.600,5**	**23.704,7**	**4,9**	**6.394**	**6.244**	**(2,3)**	**144.499,0**	**148.015,9**	**2,4**
Milho 1ª Safra	4.100,7	4.540,2	10,7	7.191	7.071	(1,7)	29.487,8	32.102,5	8,9
Milho 2ª Safra	17.824,9	18.486,6	3,7	6.326	6.126	(3,2)	112.769,0	113.254,5	0,4
Milho 3ª Safra	674,9	677,9	0,4	3.322	3.922	18,1	2.242,2	2.658,9	18,6
SOJA	**48.608,6**	**49.305,8**	**1,4**	**3.711**	**3.683**	**(0,8)**	**180.406,6**	**181.616,6**	**0,7**
SORGO	**2.169,5**	**2.215,2**	**2,1**	**3.396**	**3.625**	**6,7**	**7.368,7**	**8.031,0**	**9,0**
SUBTOTAL	80.454,5	**82.346,9**	**2,4**	**4.400**	**4.355**	**(1,0)**	**354.020,5**	**358.653,4**	**1,3**
Culturas de inverno	**ÁREA (Em mil ha)**			**PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)**			**PRODUÇÃO (Em mil t)**		
	2026	**2027**	**VAR. %**	**2026**	**2027**	**VAR. %**	**2026**	**2027**	**VAR. %**
	(a)	**(b)**	**(b/a)**	**(c)**	**(d)**	**(d/c)**	**(e)**	**(f)**	**(f/e)**
AVEIA	522,7	522,7	-	2.102	2.102	-	1.098,6	1.098,6	-
CANOLA	391,6	391,6	-	1.289	1.289	-	504,9	504,9	-
CENTEIO	3,0	3,0	-	1.751	1.751	-	5,3	5,3	-
CEVADA	154,2	154,2	-	3.696	3.696	-	569,8	569,8	-
TRIGO	1.914,3	1.914,3	-	2.748	2.748	-	5.260,5	5.260,5	-
TRITICALE	11,9	11,9	-	3.027	3.027	-	36,0	36,0	-
SUBTOTAL	**2.997,7**	**2.997,7**	**-**	**2.494**	**2.494**	**-**	**7.475,1**	**7.475,1**	**-**
BRASIL (2)	**83.452,2**	**85.344,6**	**2,3**	**4.332**	**4.290**	**(1,0)**	**361.495,6**	**366.128,5**	**1,3**

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em novembro/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2025/26 e 2026/27		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.276,1	6.628,5	5,6	3.883	3.819	(1,6)	24.372,9	25.317,3	3,9
RR	179,8	196,5	9,3	3.422	3.825	11,8	615,3	751,6	22,2
RO	1.209,4	1.273,3	5,3	4.389	4.337	(1,2)	5.308,2	5.522,2	4,0
AC	72,9	80,8	10,8	3.299	3.361	1,9	240,5	271,6	12,9
AM	34,5	34,0	(1,4)	2.881	2.918	1,3	99,4	99,2	(0,2)
AP	15,3	15,3	-	2.294	2.281	(0,6)	35,1	34,9	(0,6)
PA	2.258,7	2.399,9	6,3	3.695	3.593	(2,8)	8.344,9	8.622,1	**3,3**
TO	2.505,5	2.628,7	4,9	3.883	3.810	(1,9)	9.729,5	10.015,7	2,9
NORDESTE	**10.237,6**	**10.512,3**	**2,7**	**3.311**	**3.284**	**(0,8)**	**33.896,1**	**34.525,3**	**1,9**
MA	2.323,4	2.446,8	5,3	3.893	3.881	(0,3)	9.045,6	9.496,8	5,0
PI	1.998,7	2.053,6	2,7	3.757	3.578	(4,8)	7.509,3	7.347,7	(2,2)
CE	919,8	898,1	(2,4)	956	962	0,6	879,3	863,9	(1,7)
RN	108,6	105,7	(2,7)	455	450	(1,0)	49,4	47,6	(3,6)
PB	191,3	197,9	3,5	406	483	18,9	77,7	95,6	23,0
PE	366,3	364,5	(0,5)	965	850	(12,0)	353,5	309,7	(12,4)
AL	52,6	58,0	10,3	2.422	3.419	41,2	127,4	198,3	55,7
SE	193,9	194,5	0,3	3.693	5.250	42,2	716,1	1.021,2	42,6
BA	4.083,0	4.193,2	2,7	3.708	3.612	(2,6)	15.137,8	15.144,5	-
CENTRO-OESTE	**37.886,0**	**38.694,2**	**2,1**	**4.781**	**4.695**	**(1,8)**	**181.151,4**	**181.670,3**	**0,3**
MT	22.827,0	23.346,2	2,3	5.060	4.893	(3,3)	115.511,8	114.230,6	(1,1)
MS	6.894,9	7.032,4	2,0	4.551	4.348	(4,5)	31.379,3	30.575,8	(2,6)
GO	7.971,4	8.120,8	1,9	4.179	4.422	5,8	33.314,9	35.911,8	7,8
DF	192,7	194,8	1,1	4.906	4.888	(0,4)	945,4	952,1	0,7
SUDESTE	**7.151,5**	**7.380,5**	**3,2**	**4.392**	**4.349**	**(1,0)**	**31.412,8**	**32.096,4**	**2,2**
MG	4.378,8	4.508,9	3,0	4.353	4.345	(0,2)	19.059,6	19.590,6	2,8
ES	25,0	28,6	14,4	2.720	2.804	3,1	68,0	80,2	17,9
RJ	2,4	2,5	4,2	3.458	3.560	2,9	8,3	8,9	7,2
SP	2.745,3	2.840,5	3,5	4.472	4.371	(2,3)	12.276,9	12.416,7	1,1
SUL	**21.901,0**	**22.129,1**	**1,0**	**4.140**	**4.181**	**1,0**	**90.662,4**	**92.519,2**	**2,0**
PR	10.427,4	10.533,1	1,0	4.479	4.443	(0,8)	46.706,9	46.795,4	0,2
SC	1.408,8	1.446,0	2,6	5.619	5.581	(0,7)	7.915,4	8.070,1	2,0
RS	10.064,8	10.150,0	0,8	3.581	3.710	3,6	36.040,1	37.653,7	4,5
NORTE/NORDESTE	**16.513,7**	**17.140,8**	**3,8**	**3.529**	**3.491**	**(1,1)**	**58.269,0**	**59.842,6**	**2,7**
CENTRO-SUL	**66.938,5**	**68.203,8**	**1,9**	**4.530**	**4.491**	**(0,9)**	**303.226,6**	**306.285,9**	**1,0**
BRASIL	**83.452,2**	**85.344,6**	**2,3**	**4.332**	**4.290**	**(1,0)**	**361.495,6**	**366.128,5**	**1,3**

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em novembro/2026.

I

INTRODUÇÃO

O plantio da safra de grãos 2026/27 avança pelo país. Neste segundo boletim, atualizamos as informações sobre o andamento do plantio e desenvolvimento inicial das principais culturas anuais cultivadas. A regularização das precipitações acelerou os trabalhos em campo na Região Centro-Oeste, enquanto na Região Sul, os volumes elevados de chuva reduziram a produtividade e a qualidade das lavouras de inverno e atrasou a semeadura em algumas regiões, além de casos pontuais de replantio.

Este levantamento foi realizado durante a última semana de outubro e ainda mantém relação com os dados apresentados nas Perspectivas Agropecuárias, em especial para as culturas em período de vazio sanitário ou de segunda safra, embora ajustes em áreas de cultivo já começam a ser realizados.

O segundo levantamento trata ainda das informações referentes às culturas da terceira safra e de inverno, da temporada 2025/26, que seguem em campo. As primeiras estimativas para a nova safra das culturas de inverno serão divulgadas apenas em fevereiro e, por enquanto, adota-se o estimado para a safra 2026 como base para a previsão para 2027.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas previstas até o final do ciclo de cultivo.

Agradecemos o papel fundamental dos colaboradores da Conab em todos as Unidades da Federação, no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitem estimar a safra brasileira de grãos.

Neste levantamento, no apêndice do boletim, encontra-se um resumo das principais informações acerca do vazio sanitário e sua relevância para a sanidade das lavouras e para a produção. É imperioso que sempre seja consultado o último documento publicado pela autoridade fitossanitária federal e/ou estadual, visto que a Conab apenas replica a informação no momento da elaboração deste boletim.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os

dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra. Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola e do Progresso de Safra para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!

ANÁLISE CLIMÁTICA[1]

ANÁLISE CLIMÁTICA DE OUTUBRO

Em outubro de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm na Região Sul, bem como em áreas do centro-sul das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, mantendo a umidade no solo com níveis satisfatórios. Volumes inferiores a 120 mm foram observados em grande parte das Regiões Norte e Nordeste, exceto na parte nordeste da Região Norte e centro-norte da Região Nordeste, que registaram acumulados mensais inferiores a 40 mm, resultando em menores níveis de armazenamento de água no solo.

Na Região Norte, os maiores volumes de chuva ocorreram no leste do Acre, Rondônia, sul do Pará, centro-sul do Amazonas e Tocantins, com valores entre 90 mm e 150 mm. No norte de Roraima, Amapá e nordeste do Pará, os acumulados foram abaixo de 40 mm, havendo redução dos níveis de umidade do solo. No geral, as condições ainda estão desfavoráveis para um maior avanço na semeadura dos cultivos de primeira safra.

1 Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

Na Região Nordeste, as chuvas foram mais escassas desde o norte do Maranhão até o nordeste da Bahia, com volumes inferiores a 40 mm. No restante da região, houve registro de chuvas acima de 50 mm, principalmente no oeste da Bahia, com valores que variaram entre 90 mm e 120 mm, porém não foram suficientes para elevar os níveis de umidade do solo. Diante deste cenário, as condições para o avanço do plantio ainda permanecem desfavoráveis na região do Matopiba.

Em grande parte da Região Centro-Oeste, foram registrados acumulados de chuva superiores a 120 mm, sendo suficientes para elevar os níveis de umidade do solo. Em Mato Grosso do Sul, os volumes ultrapassaram os 200 mm, contribuindo para a manutenção de níveis elevados de umidade do solo.

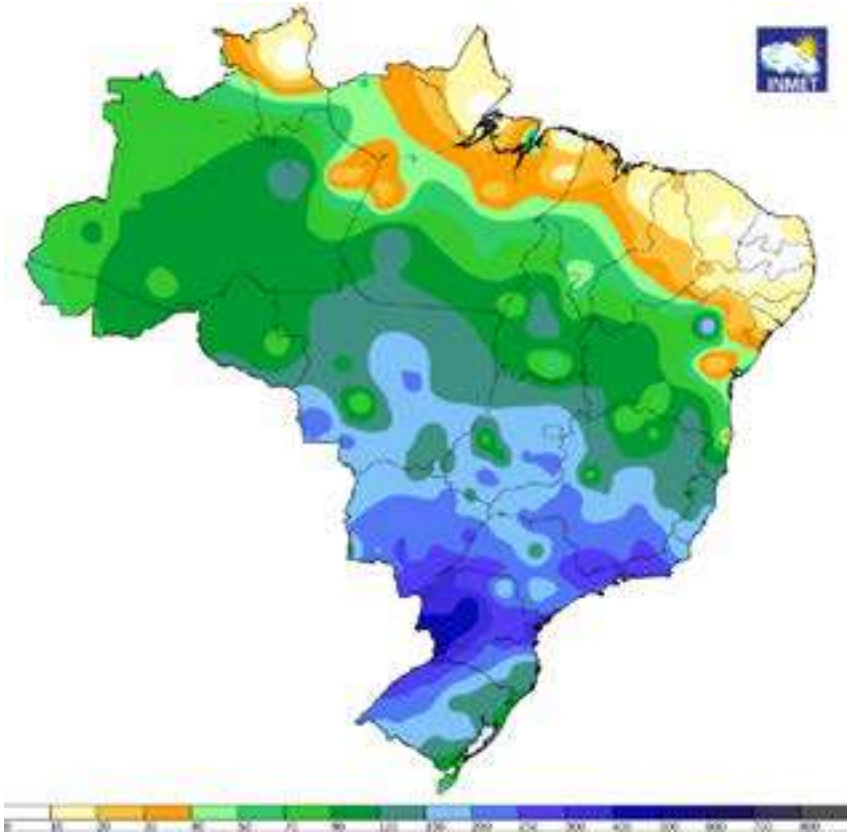
Na Região Sudeste, as chuvas foram mais significativas no centro-sul de Minas Gerais e Espírito Santo, além do Rio de Janeiro e São Paulo, com volumes acima de 150 mm. Dessa forma, as condições para manejo e desenvolvimento das lavouras seguem favoráveis.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 120 mm nos três estados. Destaque para o sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina, onde foram registrados volumes acima de 400 mm, provocando danos pontuais às lavouras. Este cenário manteve os índices de umidade do solo elevados, porém o excesso hídrico e a baixa luminosidade reduziram o crescimento e exigiram replantio do milho primeira safra em algumas localidades.

Em outubro, as temperaturas máximas permaneceram acima de 30 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Os maiores valores ficaram acima de 38 °C em áreas do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. As menores máximas, abaixo de 28 °C, ocorreram principalmente na Região Sul e em áreas do leste da Região Sudeste.

Em relação às temperaturas mínimas, os valores superaram 20 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Na Região Sul, em áreas da Região Sudeste, bem como no sul de Mato Grosso do Sul, as mínimas ficaram abaixo de 18 °C, refletindo em condições mais amenas. Os menores valores, entre 10 °C e 12 °C, ocorreram no Rio Grande do Sul, associados à atuação de massas de ar frio. Em áreas mais elevadas, houve registro de geadas pontuais.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM OUTUBRO DE 2026



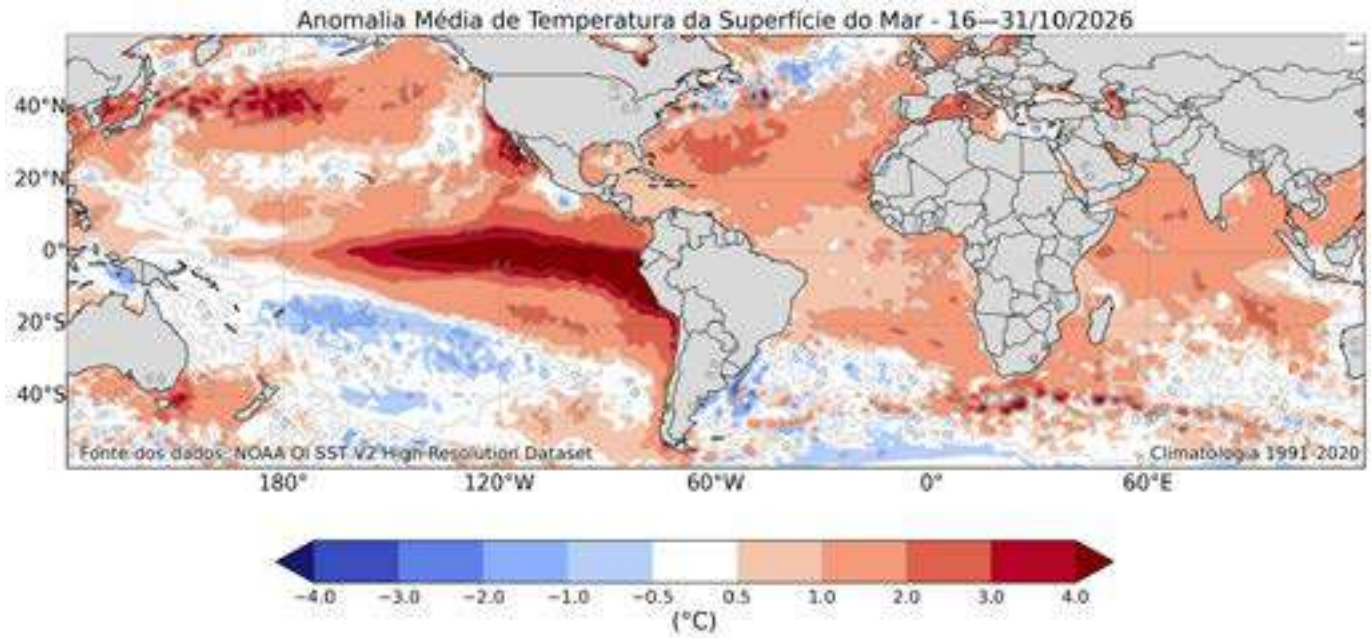
Fonte: INMET.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 31 de outubro de 2026. Nesse intervalo, foram registrados valores acima de 4 °C ao longo da faixa longitudinal compreendida desde a costa oeste da América do Sul até 150°W,

indicando temperaturas muito acima da média climatológica. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do *Niño* 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores positivos e acima 2 °C durante outubro, sinalizando a persistência das condições de *El Niño* muito forte.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE OUTUBRO DE 2026



Fonte: NOAA.

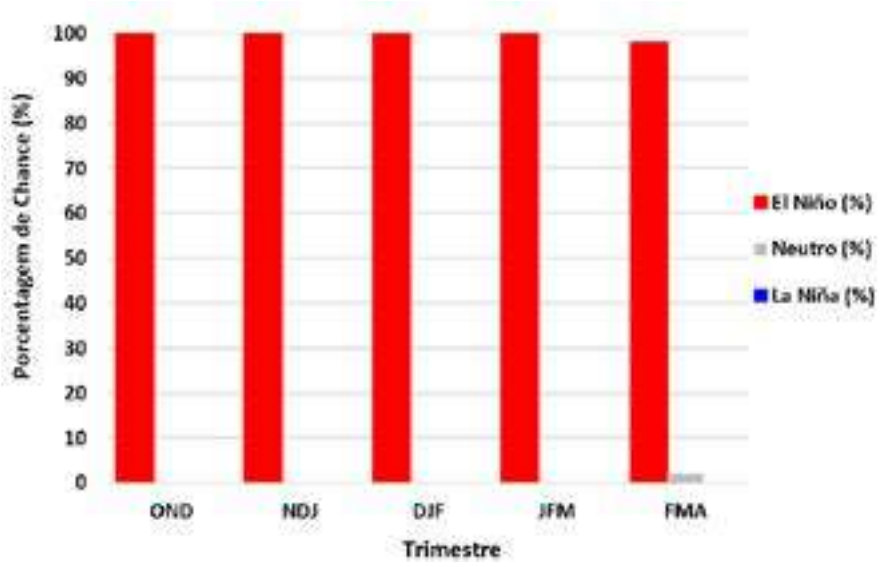
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: https://www.tropicaltidbits.com/analysis/.

A análise do modelo de previsão do ENOS (*El Niño* - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), indica a persistência das condições de *El Niño* (fase quente) durante o trimestre novembro, dezembro e janeiro 2026/27, que poderá persistir com intensidade muito forte até o final de 2026.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*



Fonte: IRI - https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/.

1.3.PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO NOVEMBRO, DEZEMBRO DE 2026 E JANEIRO DE 2027

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do INMET, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica predomínio de chuvas abaixo da média no centro-leste da Região Norte, grande parte das Regiões Nordeste e Sudeste. Enquanto as chuvas, acima da média, são previstas para o sudoeste da Região Norte, bem como nas Regiões Centro-Oeste e Sul.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Norte, o que poderá contribuir para a manutenção dos índices baixos de umidade no solo, principalmente na parte nordeste da região. Por outro lado, são previstas chuvas acima da média no oeste da Amazônia, favorecendo a manutenção de índices mais elevados de umidade do solo nessa área.

Na maior parte da Região Nordeste, a previsão indica volumes de chuva abaixo da média, o que poderá favorecer a redução gradual dos níveis de umidade do solo. Esse cenário tende a ser menos preocupante no oeste da região, onde há perspectiva de ocorrência de episódios de chuva a partir de dezembro de 2026, contribuindo para a recuperação da umidade do solo.

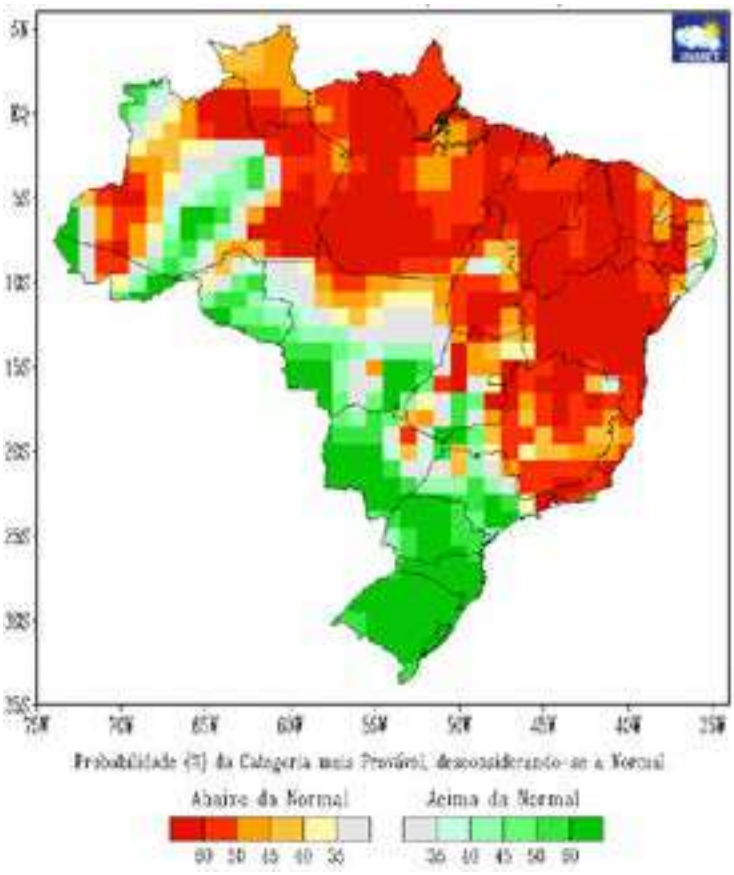
Para a Região Centro-Oeste, a previsão indica uma distribuição espacial irregular das chuvas, com predomínio de volumes próximos ou acima da média ao longo do trimestre. Entretanto, em áreas do centro-norte de Mato Grosso e de Goiás, assim como no Distrito Federal, os volumes de chuva podem ficar abaixo da média.

Na Região Sudeste, a tendência é de chuvas abaixo da média em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. As chuvas acima da média são previstas para São Paulo. Com volumes de chuva próximos e acima da média, os níveis de umidade devem se manter elevados nos próximos meses no estado.

Na Região Sul, a previsão indica chuvas acima da média ao longo do trimestre. De modo geral, os níveis de umidade no solo deverão permanecer adequados para o desenvolvimento das culturas. No entanto, a persistência de eventos de chuva poderá favorecer a ocorrência de excesso hídrico em áreas da porção centro-oeste da região, principalmente em novembro.

As temperaturas médias do ar devem permanecer acima da média histórica em grande parte do país. Valores superiores a 27 °C são previstos para o norte das Regiões Norte e Nordeste. Na Região Centro-Oeste, os valores devem variar entre 25 °C e 27 °C, assim como no oeste de São Paulo, norte de Minas Gerais e Espírito Santo. Em áreas do sul de Minas Gerais e leste da Região Sul, são previstas temperaturas mais amenas e inferiores a 22 °C.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE NOVEMBRO, DEZEMBRO DE 2026 E JANEIRO DE 2027



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet.

ANÁLISE DAS CULTURAS

ALGODÃO

ÁREA
2.093 mil ha
+3,7%

PRODUTIVIDADE
1.986 kg/ha
-3,3%

PRODUÇÃO
4.157,5 mil t
+ 0,3%

Comparativo com safra anterior.
Algodão em pluma.
Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22		1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23		1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24		1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25		2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26		2.018,4	2.054	4.145,3
2026/27	Out./26	2.093,0	1.986	4.157,5
	nov./26	2.093,0	1.986	4.157,5

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A área destinada ao plantio de algodão na safra 2026/27 está estimada em 2.093 mil hectares, um aumento de 3,7% em relação à temporada passada. Essa previsão de crescimento na área vem de estimativas de incremento nos principais estados produtores, com destaque para Mato Grosso, Bahia, Maranhão, Piauí e Minas Gerais, sustentada pela boa atratividade do algodão em relação às culturas concorrentes e pela busca por uma safra de maior valor agregado diante do risco climático do *El Niño*.

As operações de semeadura do ciclo ainda não começaram já que período de vazio sanitário está vigente na maioria dos estados produtores da cultura. A estimativa é que o plantio deve iniciar em meados de novembro em Goiás e em dezembro em Mato Grosso e Maranhão, onde o *El Niño* traz previsão de chuvas abaixo da média de outubro a dezembro, mês crítico para a semeadura. Em São Paulo, embora não haja vigência de vazio sanitário, o cultivo ainda não foi iniciado.

OFERTA E DEMANDA

A safra brasileira de algodão em pluma 2025/26 encerrou-se com produção estimada em 4,14 milhões de toneladas, enquanto os trabalhos de colheita foramintegralmenteconcluídos.Paraociclo2026/27,osegundolevantamento aponta uma produção de 4,15 milhões de toneladas, crescimento de 0,3% em relação à safra anterior. A área cultivada está projetada em 2,09 milhões de hectares, expansão de 3,7%, enquanto a produtividade média nacional está estimada em 1.986 t/ha, redução de 3,3%. Dessa forma, a expansão da área deverá compensar a menor produtividade esperada, com perspectiva de novo recorde de produção.

Regionalmente, o Centro-Oeste deverá permanecer como principal região produtora, com produção estimada em 2,96 milhões de toneladas, crescimento de 0,9% em relação à safra anterior. Mato Grosso, maior produtor nacional, apresenta projeção de 2,83 milhões de toneladas, aumento de 1%, resultado da expansão de 3,4% da área cultivada, apesar da redução de 2,3% na produtividade. No Nordeste, a produção está estimada em 1,06 milhão de toneladas, queda de 2%, influenciada principalmente pela Bahia, cuja produção deverá recuar 2,9%, alcançando 904,2 mil toneladas. Nesse estado, a expansão de 3,3% da área não deverá compensar a redução de 6% na produtividade média, projetada em 2.059 kg/ha.

No balanço de oferta e demanda do algodão em pluma, a projeção inicial para a safra 2026/27 é de 3,411 milhões de toneladas exportadas, volume próximo ao previsto para o ciclo anterior, estimado em 3,418 milhões de toneladas. Com a manutenção de elevados volumes destinados ao mercado externo, as exportações deverão continuar como principal componente da demanda por algodão brasileiro.

No mercado interno, o consumo de algodão em pluma está estimado em 745 mil toneladas para a safra 2026/27, crescimento de 0,7% em relação ao ciclo anterior. A projeção aponta para uma expansão discreta da demanda doméstica, que deverá permanecer relativamente estável diante do elevado volume produzido no país. Assim, o mercado externo continuará sendo o principal destino da produção brasileira, enquanto o desempenho da indústria têxtil nacional permanece como fator importante para a evolução do consumo interno.

Com a produção e os estoques iniciais projetados em índices elevados, o suprimento de algodão em pluma deverá alcançar 6,88 milhões de toneladas em 2026/27, praticamente estável em relação à safra anterior. Os estoques

finais estão estimados em 2,73 milhões de toneladas, ligeiramente acima dos 2,72 milhões de toneladas previstos para 2025/26, o que representa um aumento de aproximadamente 0,1%. Embora discreta, essa elevação indica que a disponibilidade interna deverá permanecer elevada ao término da safra 2026/27, mesmo com a manutenção de volumes expressivos de exportação.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020/21		1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22		1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23		1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24		2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25		2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,4	720,0	3.026,0	2.736,4
2025/26		2.736,4	4.145,3	1,0	6.882,7	740,0	3.418,0	2.724,7
2026/27	out/26	2.724,7	4.157,5	1,0	6.883,2	745,0	3.411,0	2.727,2
	nov/26	2.724,7	4.157,5	1,0	6.883,2	745,0	3.411,0	2.727,2

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/2026.
Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, clique aqui.

ARROZ

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
1.504,5 mil ha	7.014 kg/ha	10.552,4 mil t
- 0,8%	-4%	-4,7%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24		1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25		1.763,9	7.233	12.757,7
2025/26		1.516,7	7.303	11.076,2
2026/27	Out./26	1.529,3	7.031	10.752,1
	Nov./26	1.504,5	7.014	10.552,4

Nota: *variação (percentual) em relação à safra passada.
Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A semeadura ganhou maior ritmo no último mês, tendo como fator preponderante as chuvas, que foram desde altíssimos volumes em áreas das Regiões Sul e Sudeste, até a irregularidade espacial e quantitativa das precipitações nas Regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, influenciando, assim, na evolução da semeadura e no desenvolvimento inicial das lavouras, tanto nas áreas com manejo em sequeiro ou àquelas irrigadas. Esse cenário

climático reflete, entre outras coisas, os efeitos do *El Niño* sobre o território nacional e traz um maior grau de atenção por parte dos agentes envolvidos nessa cadeia produtiva para os desdobramentos ao longo do ciclo.

Atualmente, a safra segue com estimativa de redução na área plantada em comparação com o ciclo anterior, advindos justamente dessas incertezas climáticas, necessidade de estratégias de mitigação, custos e preço de mercado, que resultam de forma expressiva na decisão de plantio, condição que será monitorada a cada levantamento da companhia, conforme o desenvolvimento das lavouras até a colheita.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura do arroz evoluiu, porém de maneira irregular e intermitente em razão dos períodos de grandes chuvas, de alta nebulosidade e de baixas temperaturas registradas ao longo do último mês e que dificultaram, e até interromperam, as operações de plantio e o desenvolvimento inicial da cultura em algumas regiões.

De maneira geral, os produtores aproveitaram as janelas curtas de tempo seco para intensificar a semeadura, com a sistematização das áreas e rápida evolução dos trabalhos de campo.

Ainda assim, o volume elevado de precipitações, influenciado pelos efeitos do El Niño, e o excesso hídrico nos solos comprometeram o estabelecimento inicial das lavouras, especialmente em áreas de várzeas, causando danos às taipas e dificultando os tratos culturais. Esse cenário prejudicou a germinação, principalmente em áreas planas de solo mais denso, exigindo a realização de replantio pontual. Adicionalmente, as

baixas temperaturas retardaram os processos germinativos e a emergência das plantas, resultando em estandes desuniformes em alguns locais. Essa desuniformidade impõe desafios aos manejos subsequentes, pois dificulta a definição do momento ideal para a aplicação de herbicidas, a adubação nitrogenada em cobertura e o início do manejo da irrigação. Os episódios recorrentes de chuva atrapalharam a execução das adubações de cobertura com nitrogênio e potássio. O contínuo atraso na realização dessas práticas e no andamento do plantio pode sinalizar uma prorrogação do ciclo.

Vale pontuar que as chuvas trouxeram alguns benefícios, sendo um dos principais a recuperação dos volumes hídricos de rios e mananciais ao longo de diversas bacias do estado.

Por fim, somando-se a esse cenário climático adverso, a conjuntura econômica atual dos agentes da cadeia produtiva, com dificuldade na obtenção de recursos, deve limitar os investimentos na cultura, levando, até mesmo, a uma estimativa de redução na área semeada em comparação com a temporada passada, proveniente da diminuição do aporte tecnológico e dos investimentos empregados no presente ciclo.

Santa Catarina: mesmo com condições edafoclimáticas oscilantes e a diferença de cenário entre as regiões produtoras, a semeadura do arroz avançou bastante no último mês, ultrapassando 85% da área total prevista até o final de outubro.

As grandes chuvas, especialmente no sul catarinense, trouxeram dificuldades para a evolução das operações e influenciaram o desenvolvimento da cultura, que em alguns casos pontuais, acabou por registrar danos fisiológicos nas plantas pelo excesso de umidade, requerendo o replantio, em certas situações.

No Litoral Norte e Vale do Itajaí, as lavouras apresentam desenvolvimento vegetativo mais uniforme, embora também tenham sido observados atrasos associados às condições meteorológicas.

O excesso de precipitações constituiu o principal fator limitante nesse início de ciclo. Diversos produtores precisaram realizar a ressemeadura de áreas em razão da perda de sementes e plântulas. As chuvas intensas provocaram extravasamento dos canais de abastecimento para o interior das quadras, dificultando o controle da lâmina de água e comprometendo as condições necessárias à emergência uniforme.

Além da elevada disponibilidade hídrica foram registradas temperaturas inferiores às observadas em safras anteriores e períodos prolongados de nebulosidade. A combinação desses fatores prejudicou a germinação, a emergência e o perfilhamento, além de reduzir a atividade fotossintética e provocar atraso no desenvolvimento inicial das plantas.

Quanto à condição fitossanitária, destacou-se a necessidade de controle de plantas daninhas, com um destaque maior para a intervenção e manejo sobre espécies como dos gêneros Echinodorus e Sagittaria. Os tratamentos, somados às condições de frio e nebulosidade, representaram fatores adicionais de estresse às plantas.

Não foram registradas ocorrências de doenças fúngicas foliares e de panícula, como brusone e mancha-parda, nas áreas avaliadas. Entretanto, as condições de elevada umidade relativa do ar e a baixa insolação justificam a continuidade do monitoramento fitossanitário e da adoção dos tratos culturais necessários para prevenção.



Foto 1 - Arroz - Desenvolvimento vegetativo - Santa Catarina

Fonte: Conab.

Paraná: as precipitações de outubro trouxeram boa disponibilidade hídrica nos reservatórios hídricos das áreas sob irrigação e nos solos, permitindo um desenvolvimento inicial adequado para as lavouras implantadas, além de viabilizar o preparo e execução do plantio das áreas ainda não cultivadas, porém com certa dificuldade no avanço das operações em alguns períodos por conta do excesso de umidade.

A concentração de dias chuvosos em determinadas janelas do mês exigiu atenção dos produtores no planejamento das operações de plantio e na realização dos tratos culturais, demandando maior atenção também no quesito fitossanitário e nutricional das plantas, com eventuais atrasos na atividade de adubação e do controle de pragas, doenças e plantas daninhas.

Tocantins: o cultivo no estado é realizado tanto em manejo de sequeiro como irrigado (em áreas de várzea), visto que esse último sistema representa mais de 90% da área total prevista para a rizicultura no estado.

No último mês houve início do ciclo, com a realização da semeadura nas primeiras áreas de várzea. Nesse momento, o cultivo tem sido exclusivamente nas lavouras irrigadas, com previsão de semeadura das áreas de sequeiro apenas a partir de dezembro de 2026.

O clima tem sido oscilante, com períodos de altas temperaturas e de chuvas intermitentes, com distribuição ainda irregular, predispondo um avanço apenas tímido do plantio, que deverá ser mais intenso nas próximas semanas, com perspectiva de precipitações mais regulares e de melhor distribuição temporal e espacial.

Maranhão: as lavouras de arroz irrigado têm um plantio mais precoce, e já foram plenamente implantadas nesse ciclo, seguindo seu desenvolvimento fenológico, com boas condições gerais até o momento. Algumas áreas, aliás, já começaram a colheita, com resultados entre bons e regulares, registrando danos pontuais sobre os grãos devido à ataque de cigarrinhas e incidência de doença como a Brusone.

Já as áreas manejadas em sequeiro, que representam a grande maioria da rizicultura estadual, cerca de 93% da área total estimada para o plantio da cultura, ainda não começaram sua semeadura, devendo ocorrer apenas a partir de dezembro de 2026, com a expectativa do início da estação chuvosa para o ciclo, com maior regularidade das precipitações.

Pará: somente o arroz irrigado está sendo cultivado no período, tendo um desenvolvimento satisfatório até o momento, sem intercorrências edafoclimáticas ou fitossanitárias.

Rondônia: outubro marca o início do plantio de arroz no estado, com a transição do período seco para a estação chuvosa na região amazônica. Entretanto, nesse ano as primeiras chuvas no período vieram esparsas, com registros de veranicos e temperaturas elevadas, provavelmente por influência do El Niño, exigindo atenção dos produtores ao monitoramento climático, priorizando tecnologias de manejo e correção do solo para aumentar a produtividade.

Nesse cenário, ainda não houve início do plantio, devendo ocorrer nas próximas semanas, com a estabilização da estação chuvosa e maior regularidade das precipitações.

Minas Gerais: o plantio do arroz se encontra bem adiantado na região sul do estado. Já no norte e leste mineiro, o plantio ainda está iniciando, uma vez que o regime de chuvas dessas regiões iniciou-se um pouco mais tarde. Na região noroeste os produtores ainda avaliam as condições e áreas a serem cultivadas. No entanto, essas áreas serão de semeadura tardia, em sucessão à colheita da soja precoce manejada sob pivôs.

Mato Grosso do Sul: as chuvas no último mês permitiram o preparo dos solos e o início do plantio, mesmo em meio a períodos de altos volumes pluviométricos e excesso hídrico que dificultaram a entrada de maquinas e tratos culturais em algumas lavouras, interrompendo, parcialmente, as atividades de campo durante certo período do mês. Além disso, a alta nebulosidade em boa parte do período não ofereceu condições adequadas de luminosidade, levando algumas lavouras a apresentarem clorose, porém de forma pontual.

A partir do início das operações foi observado uma nova estimativa de redução na área plantada em comparação ao ano passado e em relação

às projeções do primeiro levantamento. Muitas das áreas de várzeas antes dada ao cultivo do arroz estão previstas para destinação de plantio de soja em pastagens, por questões de custos de oportunidade de mercado.

O cultivo no estado é predominantemente irrigado, conseguindo também se beneficiar das chuvas recentes para reabastecimento dos reservatórios hídricos para eventuais demandas ao longo do ciclo.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2026/27										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,88				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	1,12				S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Ocidental do Tocantins	5,59			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
TO**	Centro Maranhense	0,64					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	4,19				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,56						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PR**	Noroeste Paranaense	0,98		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	C
SC**	Norte Catarinense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,77	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	6,84		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,85		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,75		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,94		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	29,80		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	13,83		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

De acordo com o segundo levantamento, da safra 2026/27, a produção brasileira de arroz está estimada em 10,55 milhões de toneladas, queda de 4,7% em relação às 11,08 milhões de toneladas da safra anterior. A área cultivada deverá alcançar 1,5 milhão de hectares, redução de 0,8%, influenciada principalmente pela retração de 2,4% na área de arroz irrigado, projetada em 1,23 milhão de hectares. Em contrapartida, o cultivo de sequeiro deverá registrar expansão de 7%, atingindo 270,7 mil hectares.

Nesse contexto, a produtividade média nacional está estimada em 7,01 kg/ha, redução de 4% em relação à safra 2025/26. A queda na produção nacional está associada principalmente ao arroz irrigado, cuja produção é estimada em 9,8 milhões de toneladas, retração de 5,6%, influenciada pelas perspectivas de menor produtividade na Região Sul. Em contrapartida, a produção de arroz de sequeiro está projetada em 699,7 mil toneladas, crescimento de 8,6% em relação à safra passada.

Na Região Sul, responsável pela maior parcela da produção nacional, estima-se uma produção total de 8,58 milhões de toneladas, redução de 6,7% em relação à safra 2025/26. No Rio Grande do Sul, a produção está inicialmente projetada em 7,25 milhões de toneladas, queda de 7,2%, resultado da redução de 3,4% na área cultivada e de 3,9% na produtividade. Por outro lado, o Centro-Oeste apresenta perspectiva de expansão da área de produção, com crescimento estimado em 16,7%, influenciado principalmente pelo aumento da área cultivada em Mato Grosso.

Para o mercado externo, diante da perspectiva inicial de menor disponibilidade doméstica de arroz na safra 2026/27, projeta-se redução das exportações para 1,66 milhão de toneladas, ante 1,95 milhão de toneladas estimadas para 2025/26, retração de 14,8%. As importações são inicialmente projetadas em

1,3 milhão de toneladas, mantendo-se estáveis em relação à safra anterior.

O consumo é inicialmente projetado em 10,8 milhões de toneladas, mesmo volume estimado para 2025/26. Dessa forma, considerando o estoque inicial de 1,81 milhão de toneladas, produção de 10,55 milhões de toneladas e importações de 1,3 milhão de toneladas, o suprimento total é estimado em 13,66 milhões de toneladas, redução de 4,7% em relação ao ciclo passado. Com a manutenção do consumo interno e a redução projetada das exportações, os estoques de passagem ao final de fevereiro de 2028 são estimados em 1,2 milhão de toneladas, volume 33,7% inferior ao projetado para fevereiro de 2027.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020/21		754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22		1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23		846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24		407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25		496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,2	10.500,0	1.883,8	2.188,4
2025/26		2.188,4	11.076,2	1.300,0	14.564,6	10.800,0	1.953,4	1.811,2
2026/27	out/26	1.811,2	10.752,1	1.300,0	13.863,3	10.800,0	1.663,6	1.399,7
	nov/26	1.811,2	10.552,4	1.300,0	13.663,6	10.800,0	1.663,6	1.200,0

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/26.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, clique aqui.



FEIJÃO

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
2.533 mil ha	1.144 kg/ha	2.898,6 mil t
-0,3%	-1,5%	-1,8%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu "casamento perfeito" com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se aqui os três grandes grupos acompanhados pela companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agronômico, principalmente pelo seu ciclo fenológico, considerado mais curto e que possibilita ao produtor adequar melhor o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2026/27

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25		908,5	1.170	1.062,7
2025/26		793,0	1.228	973,9
2026/27	Out./26	808,4	1.192	963,5
	Nov./26	795,1	1.172	931,5

Fonte: Conab.

O plantio tem avançado em todas as regiões, valendo-se das chuvas recentes que condicionam os solos e viabilizam a semeadura e o desenvolvimento inicial da cultura.

Nesse sentido, ainda há certa preocupação quanto às eventuais influências do El Niño sobre as condições climáticas ao longo desse ciclo. Nas Regiões Sul e Sudeste, por exemplo, as chuvas têm ocorrido em volumes elevados, o que passa a gerar apreensão quanto ao avanço do plantio e à evolução inicial da cultura, já que o excesso de umidade nos solos pode dificultar as operações de cultivo e também promover danos fisiológicos e favorecer a incidência de algumas pragas e doenças, influenciando o aspecto fitossanitário das lavouras.

Já nas Regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, o cenário é oscilante, com períodos intercalados de precipitações e clima estável. Nesse âmbito, o cultivo tem evoluído, porém de maneira mais lenta, com chuvas menos volumosas e mais irregulares, o que leva os produtores a estenderem a janela de plantio buscando a efetivação em um ambiente mais propício no quesito de disponibilidade hídrica.

Assim, as previsões iniciais, em âmbito nacional, apontam para uma menor área plantada em comparação com a temporada 2025/26. Contudo, esse cenário pode ser alterado durante o avançar da janela de semeadura, já que questões climáticas, mercadológicas, culturais, fitossanitárias, entre outras, podem influenciar na tomada de decisão do produtor e, consequentemente, no total de área destinada a tal cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: com o fim do período de vazio sanitário para a cultura na principal região produtora, que é o noroeste mineiro, houve bom avanço do plantio ao longo de todo o estado, também se beneficiando das chuvas recentes.

Quanto à estimativa inicial de destinação de área para o cultivo da cultura nesse ciclo, espera-se leve incremento em comparação a 2025/26, influenciado por condições mercadológicas e fitossanitárias, buscando um melhor controle da mosca-branca (Bemisia tabaci), que tem representado perdas significativas na produção nos últimos ciclos.

As lavouras já implantadas seguem em fase inicial de desenvolvimento e apresentam boas condições gerais.

Bahia: o cultivo nesse primeiro ciclo se concentra nas regiões oeste, centro-sul e centro-norte do estado, tendo bastante heterogeneidade nas condições edafoclimáticas, fitossanitárias e até de nível tecnológico e no manejo adotado nas lavouras entre essas diferentes localidades, algo que acaba refletindo nos resultados alcançados.

Nesse cenário, as primeiras chuvas registradas no ciclo, em particular nas regiões oeste e centro-norte, permitiram o início do plantio, porém de maneira bem pontual, limitando-se às pequenas propriedades, principalmente pelo fato das precipitações ainda estarem irregulares e esparsas.

Quanto à intenção de área total plantada, há uma expectativa inicial de leve incremento em comparação ao ano passado em virtude da expansão de cultivo de feijão por conta do ciclo mais curto da leguminosa, adequando a um cronograma melhor de semeadura para as culturas de segunda safra que virão em sucessão, e também pelos preços pagos e à facilidade de comercialização do grão.

Goiás: com o fim do vazio sanitário e o início da estação chuvosa, o plantio ganhou força e vem avançando em bom ritmo.

No geral, o cultivo se concentra em regiões específicas, com destaque para municípios como Cristalina, Montividiu, Padre Bernardo e áreas adjacentes. O manejo das lavouras é feito tanto em sequeiro como irrigado, tendo, atualmente, as lavouras já implantadas em desenvolvimento vegetativo inicial.

Paraná: as precipitações frequentes ao longo de outubro garantiram ótimos níveis de umidade no solo para a emergência e o estabelecimento inicial das lavouras, embora o excesso de umidade e a menor insolação em núcleos do sul e centro-sul do estado tenham causado paralisações temporárias nas operações de plantio e encharcamento pontualmente algumas áreas de baixada.

Ainda com as eventuais interrupções no avanço da semeadura, o plantio ocorreu de maneira satisfatória, atingindo mais de 82% da área total prevista para esse ciclo.

Embora os preços do grão tenham apresentado alta nos últimos meses e gerado potencial estímulo aos produtores para o cultivo do feijão, a concorrência com outras culturas de boa rentabilidade, como a soja, além das questões climáticas, com excesso de precipitações acabaram levando a uma estimativa de leve diminuição na área plantada em comparação com a previsão do levantamento passado.

Atualmente, a maior parte das lavouras implantadas segue em desenvolvimento vegetativo, com boas condições gerais, exceto por perdas pontuais em algumas lavouras em decorrência do excesso de umidade.

São Paulo: na região sudoeste, principal polo produtor de feijão primeira safra no estado, as chuvas atípicas e volumosas continuam ditando o ritmo da safra desde setembro.

Há um cenário de excesso hídrico na região, algo que interferiu na evolução do plantio e do próprio desenvolvimento fenológico da cultura. Os produtores que plantaram mais cedo e tentam realizar a colheita a partir de outubro esbarram no solo encharcado. Além disso, há registro de avarias diretas sobre os grãos, especialmente no aspecto qualitativo, reduzindo o padrão comercial do produto.

Já as lavouras mais tardias sofrem com a alta pressão de doenças fúngicas, uma vez que o clima úmido inviabilizou a entrada de máquinas para a aplicação de defensivos. Além disso, a baixa luminosidade provocou o amarelecimento das folhas, conforme ilustrado nas imagens das lavouras de Itaí.

Nesse cenário, já há projeção de redução do potencial produtivo da cultura por conta dessas intercorrências climáticas e os seus desdobramentos.

Santa Catarina: a semeadura do feijão cores é tradicionalmente mais tardia no estado, devendo concentrar-se apenas em dezembro de 2026, ocorrendo, em grande parte, na sucessão da colheita de alguns cereais de inverno. O cultivo se concentra em área de maiores altitudes e temperaturas mais amenas.

Rio Grande do Sul: a cultura é semeada mais tardiamente no estado, com previsão de início do plantio apenas a partir de dezembro de 2026, em sucessão à colheita de alguns cereais de inverno.

O cultivo se concentra, principalmente, na região do Planalto Superior, onde as condições edafoclimáticas são favoráveis à cultura, especialmente nesse cenário de semeadura mais tardia. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção.

Distrito Federal: as primeiras lavouras foram implantadas a partir do fim de outubro, com o fim do vazio sanitário para a cultura na Unidade da Federação. Elas seguem em fases vegetativas inicias, com bom desenvolvimento, até o momento.

As áreas são manejadas sob irrigação, e as boas chuvas recentes vêm favorecendo as reservas hídricas e até reduzindo a demanda pela irrigação suplementar.

Mato Grosso: o regime de chuvas tem sido favorável ao início da implantação da cultura, com a incidência de precipitações em bons volumes em âmbito estadual.

Atualmente, as lavouras implantadas encontram-se em fase inicial de desenvolvimento, apresentando bom vigor vegetativo. As condições de manejo e clima mostram-se favoráveis até o momento.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o regime regular de chuvas, registrado em outubro, favoreceu a germinação e a fase inicial das lavouras de feijão-preto no Paraná, contudo, episódios de precipitações intensas em regiões produtoras chave exigiram maior atenção dos agricultores no manejo cultural e provocaram acúmulo temporário de água em solos com drenagem deficiente.

Ainda com as eventuais interrupções no avanço da semeadura, o plantio ocorreu de maneira satisfatória, atingindo pouco mais de 65% da área total prevista para esse ciclo.

Embora os preços do grão tenham apresentado alta nos últimos meses e gerado potencial estímulo aos produtores para o cultivo do feijão, a concorrência com outras culturas de boa rentabilidade, como a soja, além das questões climáticas, com excesso de precipitações acabaram levando a uma estimativa de leve diminuição na área plantada em comparação com a previsão da temporada passada.

Atualmente, a maior parte das lavouras implantadas segue em desenvolvimento vegetativo, com boas condições gerais, exceto por perdas pontuais em algumas lavouras em decorrência do excesso de umidade.

Santa Catarina: a semeadura vem avançando de forma heterogênea no estado, com ritmos diferentes de plantio entre as variadas regiões produtoras. As chuvas constantes e a alta umidade do solo ainda dificultam a entrada de máquinas e a evolução do plantio em algumas áreas. Além disso, a erosão superficial causada por enxurradas, mesmo em condições de plantio direto, impactou o estande de plantas em algumas lavouras, requerendo o replantio em certos casos.

De maneira geral, o feijão apresentou maior sensibilidade às condições de excesso hídrico durante o último mês. A saturação dos solos, associada à baixa luminosidade e às temperaturas amenas, interferiu no estabelecimento das lavouras e ampliou os riscos fitossanitários.

Nesse cenário de riscos climáticos, influenciados pelo efeito do El Niño, e com questões de mercado que interferem na rentabilidade esperada pelo produtor, alguns optaram pela desistência do cultivo do feijão nesse ciclo, escolhendo outras opções de maior retorno financeiro no momento, como milho e soja.

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura avançou, mesmo em meio as chuvas e baixas temperaturas do último mês. As operações de plantio foram intermitentes, com alguns períodos de interrupção durante as maiores precipitações, mas, ainda assim, nos dias de tempo firme e seco que intercalaram os dias de chuvas e nebulosidade, houve aceleração das atividades de semeadura, que nesse momento ficaram localizadas nas regiões produtoras de menor altitude. Já na principal região produtora do estado, que é o Planalto Superior, região de maior altitude, as operações de plantio ocorrem somente a partir de dezembro, após a colheita das culturas de inverno.

O estabelecimento inicial das lavouras semeadas até o momento é variado. Em alguns casos, a formação da população de plantas se deu de maneira adequada, já em outros, observa-se desuniformidade do estande de plantas e até casos mais graves de necessidade de replantio. Tais perdas ocorreram em razão das chuvas volumosas que provocaram o carregamento das sementes e alagamento das áreas de altitudes mais baixas e pela manutenção de alta umidade (encharcamento) nos solos. Nas lavouras em desenvolvimento observa-se porte reduzido nas plantas e, em alguns casos, encarquilhamento das folhas em razão de baixas temperaturas registradas

desde o início da semeadura.

Os produtores também têm enfrentado dificuldades na realização dos tratos culturais dentro do calendário adequado de execução. O excesso de umidade inviabiliza a atividade operacional de campo, redundando na menor taxa de efetividade dos tratos culturais, como do fertilizante nitrogenado e dos fungicidas. Isso pode impactar no resultado potencial esperado da cultura.

As primeiras áreas semeadas já iniciaram o florescimento e representam 15% do total semeado até o momento.

Minas Gerais: com o fim do período de vazio sanitário para a cultura na principal região produtora, que é o noroeste mineiro, houve bom avanço do plantio ao longo de todo estado, também se beneficiando das chuvas recentes.

As lavouras já implantadas seguem em fase inicial de desenvolvimento e apresentam boas condições gerais.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a semeadura ainda não foi iniciada, devendo começar somente a partir de dezembro, período em que tradicionalmente ocorre a estação chuvosa, com precipitações mais regulares.

O cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e abrange praticamente todas as regiões do estado. O estado destina uma grande área para o cultivo da cultura, sendo o de maior área plantada com o feijão-caupi nesse primeiro ciclo, e as condições climáticas são determinantes, até mesmo na intenção de plantio, já que as lavouras são manejadas em sequeiro e pulverizadas por diversas regiões do estado, até mesmo por

aquelas áreas mais áridas.

Bahia: o estado é, tradicionalmente, um dos maiores produtores de feijão-caupi na primeira safra, e, para o atual ciclo, a perspectiva se mantém, prevendo-se uma significativa área para a semeadura da cultura.

Atualmente, os produtores estão concentrando suas atividades no preparo dos solos e início do plantio, que ainda é realizado pontualmente, por conta das primeiras chuvas registradas serem esparsas e irregulares.

Quanto à intenção de área plantada, há uma expectativa inicial de leve incremento em comparação ao ano passado em virtude da expansão de cultivo de feijão, especialmente nas regiões centro-norte e oeste do estado, por conta do ciclo mais curto da leguminosa, adequando a um cronograma melhor de semeadura para as culturas de segunda safra que virão em sucessão, e também pela facilidade de comercialização do grão.

Maranhão: a cultura é cultivada, principalmente, pela agricultura familiar, utilizando-se de sistemas que, com baixa ou nenhuma tecnologia ou até mesmo cultivos consorciados, obtendo assim níveis menores de rendimento.

O plantio ainda não foi iniciado, tendo neste momento apenas o preparo dos solos para a semeadura que deve se dar a partir de novembro, com o início da estação chuvosa no ciclo.

Minas Gerais: com o fim do período de vazio sanitário para a cultura na principal região produtora, que é o noroeste mineiro, houve bom avanço

do plantio ao longo de todo estado, também se beneficiando das chuvas recentes.

As lavouras já implantadas seguem em fase inicial de desenvolvimento e apresentam boas condições gerais.

Tocantins: o cultivo se dá, principalmente, em áreas de várzeas sistematizadas e com sistema de subirrigação. Há também áreas manejadas em sequeiro, que têm plantio mais tardio, ocorrendo entre outubro e dezembro.

De maneira geral, outubro foi marcado pela influência de um El Niño, que manteve o território sob calor intenso e chuvas irregulares. Na primeira quinzena, predominou tempo seco e quente, com temperaturas que chegaram a superar 40 °C. As chuvas se intensificaram a partir de meados do mês, porém de forma desigual, e, no fim de outubro, um canal de umidade voltou a favorecer as precipitações em parte do estado.

Dessa forma, o plantio ainda é incipiente, ocorrendo pontualmente em áreas menores. Em muitos municípios, com o atraso das chuvas, os agricultores estão se concentrando na realização do preparo dos solos para a efetivação da semeadura mais adiante, quando as chuvas estiverem mais regulares.

Mato Grosso: o regime de chuvas tem sido favorável ao início da implantação da cultura, com a incidência de precipitações em bons volumes em âmbito estadual.

Atualmente, as lavouras implantadas encontram-se em fase inicial de desenvolvimento, apresentando bom vigor vegetativo. As condições de manejo e clima mostram-se favoráveis até o momento.

Pernambuco: as precipitações pluviométricas no último mês seguem abaixo da média, mas permitiram a evolução das lavouras, embora com alguma restrição por conta do estresse hídrico em dados períodos.

As lavouras estão, majoritariamente, nos estádios reprodutivos e a perspectiva atual é de ligeira redução no potencial produtivo por conta dos momentos de escassez de chuvas nas fases críticas do desenvolvimento da cultura.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2026/27									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
TO	Ocidental do Tocantins	0,63			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
PI	Norte Piauiense	0,67						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,81						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	1,02					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PE	Agreste Pernambucano	0,71		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
BA	Extremo Oeste Baiano **	7,51			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,54				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Sul Baiano	1,69				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	1,12			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
GO	Leste Goiano	4,79			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul Goiano	3,89			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Goiano	1,46			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF	Distrito Federal	2,13			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Noroeste de Minas	3,90			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,91				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,29			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,76			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,77			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,26			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,24			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Itapetininga**	0,89	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Macro Metropolitana Paulista	0,49			S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,25		S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	8,06		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,64		S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	4,71		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	5,44		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	10,71		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	2,69		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2026/27									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
SC	Oeste Catarinense	4,42		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,59		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,33		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,75		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	3,24			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2025) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

A previsão de plantio para a segunda safra de feijão no ciclo 2026/27 é de início a partir de janeiro de 2027.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

A semeadura da segunda safra de feijão no ciclo 2026/27 está prevista para começar em janeiro de 2027.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima a produção brasileira de feijão, na safra 2026/27, em 2,89 milhões de toneladas, volume 1,8% inferior ao registrado na safra anterior (2025/26), estimado em 2,95 milhões de toneladas. A retração projetada decorre da expectativa de redução de 1,5% na produtividade média nacional, associada à diminuição de 0,3% na área cultivada.

A perspectiva de redução da área plantada está relacionada, principalmente, à diminuição do cultivo de feijão preto na primeira safra em estados da

Região Sul, em razão das adversidades climáticas que têm afetado a região, apesar dos preços mais atrativos em comparação com o mesmo período do ano anterior. Esse movimento, contudo, é parcialmente compensado pela expansão da área destinada ao feijão cores na primeira safra.

No comércio exterior, as exportações brasileiras de feijão na safra 2025/26 são estimadas em 480 mil toneladas, impulsionadas pelo aumento da demanda internacional, especialmente de países como Índia e Vietnã. A valorização do dólar frente ao real também contribuiu para favorecer a competitividade do produto brasileiro no mercado externo. Para o mesmo período, as importações são estimadas em 54,87 mil toneladas.

Para a safra 2026/27, diante da perspectiva de menor disponibilidade interna, projeta-se uma redução das exportações para 310 mil toneladas, refletindo o ajuste dos excedentes destinados ao mercado internacional.

Em relação ao consumo doméstico, a Conab estima uma demanda de 2,68 milhões de toneladas na safra 2025/26 e de 2,65 milhões de toneladas em 2026/27. As projeções indicam a continuidade de uma trajetória de leve retração do consumo nacional, associada, principalmente, às mudanças nos hábitos alimentares da população brasileira observadas nos últimos anos.

Nesse contexto, os estoques de passagem devem permanecer em patamares reduzidos em comparação com os índices históricos, evidenciando um balanço de oferta e demanda relativamente ajustado. Ao final da safra 2025/26, em dezembro de 2026, os estoques são estimados em 80,8 mil toneladas, enquanto, para o encerramento da safra 2026/27, em dezembro de 2027, projeta-se um volume de 86,5 mil toneladas.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020/21		268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22		121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23		202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24		318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.800,0	343,6	396,0
2024/25		396,0	3.059,9	13,2	3.469,1	2.700,0	533,2	235,9
2025/26		235,9	2.952,6	54,9	3.243,4	2.680,0	480,0	83,4
2026/27	out/26	98,5	2.930,2	67,1	3.095,8	2.650,0	310,0	135,8
	nov/26	83,4	2.898,6	67,1	3.049,1	2.650,0	310,0	89,1

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/2026.
Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, clique aqui.



MILHO

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
23.704,7 mil ha	6.244 kg/ha	148.015,9 mil t
+ 4,9%	- 2,3%	+ 2,4%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

TABELA 9 - MILHO TOTAL

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		19.943,6	4.367	87.096,6
2021/22		21.580,6	5.242	113.130,3
2022/23		22.273,8	5.930	132.072,9
2023/24		21.057,6	5.487	115.534,9
2024/25		21.835,6	6.467	141.200,8
2025/26		22.600,5	6.394	144.499,0
2026/27	Out./26	23.704,7	6.244	148.015,9
	Nov./26	23.704,7	6.244	148.015,9

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A estimativa do milho total 2026/27, que reúne a primeira, a segunda e a terceira safras, é de 148 milhões de toneladas, 2,4% acima dos 144,5 milhões da safra de 2025/26. A área, de 23,7 milhões de hectares, é 4,9% maior, o que representa um acréscimo de 1,1 milhão de hectares, enquanto a produtividade estimada, de 6.244 kg/ha, é 2,3% menor.

A segunda safra concentra 78% da área total de milho, enquanto a primeira

responde por 19,2% e a terceira por 2,9%. A participação da primeira safra é maior que a registrada em 2025/26, o que demonstra o ganho de peso da safra de verão. Esse avanço vem do crescimento de 10,7% na área da primeira safra, acima dos 3,7% da segunda e dos 0,4% da terceira. Entre as regiões, percentualmente, o Norte lidera o ganho, seguido por Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

A conjuntura econômica e o El Niño seguem como fatores de cautela, e a estimativa pode ser reavaliada no decorrer dos levantamentos.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 10 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25		3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26		4.100,7	7.191	29.487,8
2026/27	Out./26	4.540,2	7.071	32.102,5
	Nov./26	4.540,2	7.071	32.102,5

Fonte: Conab.

A estimativa do milho primeira safra 2026/27, no segundo levantamento, é de 32,1 milhões de toneladas, 8,9% acima dos 29,5 milhões colhidos em 2025/26. A área, de 4,54 milhões de hectares, cresce 10,7%, o que representa um acréscimo de 439,5 mil hectares, enquanto a produtividade, de 7.071 kg/ha, é 1,7% menor que a da safra passada.

A área no Centro-Oeste avança com a perspectiva de crescimento de 29,5%

em relação à safra passada, seguido pelo Sul, com 12,7%, pelo Norte, com 10,9%, pelo Nordeste, com 7,2%, e pelo Sudeste, com 6,6%. A estimativa de produção é maior em todas as regiões, com alta de 31,1% no Centro-Oeste, 17% no Norte, 8,5% no Sul, 5,6% no Sudeste e 1,9% no Nordeste.

A semeadura começou no início de setembro, concentrando-se na Região Sul e em áreas irrigadas, e chegou ao fim de outubro com 44,2% da área nacional, contra 42,3% na mesma data da safra passada. Paraná e Rio Grande do Sul concentram o avanço, com 93,7% e 82%, respectivamente, da área estimada semeada. Das áreas semeadas, 15% estão em emergência e 85% em desenvolvimento vegetativo, com dados até 31 de outubro.

O Sul teve outubro de chuvas frequentes, baixa luminosidade e temporais, que atrasaram as operações e favorecem doenças. No Centro-Oeste, o calor e a irregularidade das chuvas pausaram o plantio em Goiás, e no Norte e no Nordeste a chuva é instável, sob influência do El Niño, o que mantém a cautela na semeadura.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura alcança 82% da área estimada, com 2% das lavouras em emergência e 98% em desenvolvimento vegetativo. Foi lenta no início por causa das chuvas recorrentes e da baixa temperatura do solo, mas a cultura se estabeleceu bem. No Noroeste, a semeadura está praticamente concluída, em janela antecipada, com lavouras já entre os

estádios V10 e V12, e no Planalto Superior a conclusão deve ficar para o fim de outubro.

O volume elevado de chuvas, a baixa radiação solar e o molhamento foliar prolongado desaceleram o crescimento e favorecem doenças fúngicas e bacterianas, o que exige fungicidas, herbicidas e inseticidas e dificulta a adubação nitrogenada de cobertura. Temporais causaram danos às lavouras da Campanha e das Missões, onde também há acréscimo de área pela semeadura antecipada, para cultivar soja em seguida.

As previsões de menor risco de deficit hídrico nas fases reprodutivas e de chuvas acima da média motivam os produtores a investir em pacotes tecnológicos mais robustos.

Minas Gerais: a semeadura começou no fim de setembro, em áreas irrigadas, e avançou bem ao longo de outubro nas áreas de sequeiro. Os produtores têm migrado parte das áreas de soja para o milho.

O panorama climático é favorável, com previsão de umidade e temperaturas acima da média, o que exige atenção às doenças fúngicas, pois o clima é propício ao desenvolvimento dos patógenos.

Paraná: a semeadura atingiu 93,7% da área estimada, com 9,4% das lavouras em emergência e 90,6% em desenvolvimento vegetativo. As chuvas regulares favoreceram a germinação e o desenvolvimento inicial, mas a alta frequência de precipitações em algumas regiões exigiu atenção para concluir o plantio e os tratos culturais, evitando o encharcamento temporário dos solos.

As lavouras estão com 78% em boa condição, 20% em regular e 2% em ruim, por causa do excesso de chuva, da menor luminosidade na emergência

e de perdas pontuais de estande. A busca por melhores oportunidades de comercialização e a diversificação nas propriedades impulsionam a expansão em municípios como Jacarezinho, Toledo e Ivaiporã.

Santa Catarina: a semeadura avançou, principalmente no Extremo- Oeste e no Oeste, onde está concluída, e chega a cerca de 90% no Oeste e no Meio-Oeste, e de forma gradual nas demais regiões. As lavouras apresentam boa germinação, emergência satisfatória e desenvolvimento vegetativo inicial adequado, favorecidos pela umidade do solo. O excesso de chuvas limitou temporariamente as operações mecanizadas e pode ter prejudicado o estande em áreas com drenagem insuficiente.

A condição fitossanitária é favorável, com atenção à cigarrinha-do-milho, aos percevejos e à lagarta-do-cartucho. Temporais com ventos fortes elevam o risco de tombamento e acamamento, sobretudo nas áreas mais desenvolvidas.

São Paulo: a maior parte do milho primeira safra é semeada entre novembro e dezembro, após a cultura do feijão, e por isso o plantio ainda é pontual.



Foto 2 - Milho 1ª safra - desenvolvimento vegetativo - São Bernardino - SC

Fonte: Conab.

forte expansão em São João d'Aliança, que passa de 1,5 mil hectares para cerca de 8 mil hectares, em substituição à soja.

Outubro teve forte calor, com máximas entre 32 °C e 40 °C, e irregularidade das chuvas. Semanas de estiagem e baixa umidade do ar levaram os produtores a paralisar o plantio em algumas localidades.

Maranhão: o plantio ocorre entre novembro e fevereiro, e as primeiras áreas a serem semeadas ficam no sul, com o início das chuvas. Nas demais regiões, o plantio começa em dezembro. A expansão é atribuída às regiões sul e



Foto 3 - Milho 1ª safra irrigado - Desenvolvimento vegetativo - Rio Verde-GO

Fonte: Conab.

milho e sorgo para etanol.

Bahia: as chuvas foram irregulares, com grande variação de volume entre as áreas produtoras, e a imprevisibilidade dificulta o avanço do plantio. A semeadura começou nas áreas com maior volume de chuva, onde as lavouras estão em germinação e desenvolvimento vegetativo, e a maior

parte das áreas aguarda a estabilização do período chuvoso.

Piauí: o cultivo de milho de verão ocorre na agricultura familiar e na empresarial, concentrada no sudoeste, onde a climatologia é favorável, o manejo adequado e a tecnologia sustentam produtividades elevadas. Com a previsão de El Niño, as condições climáticas tendem a ser menos favoráveis nesta safra.

Mato Grosso: o milho primeira safra é bastante restrito no estado, sendo semeado em larga escala na segunda safra. As chuvas favoreceram a implantação inicial, mas em algumas regiões foram insuficientes, o que levou ao plantio sob pivôs de irrigação. As lavouras estão em fase inicial, com bom vigor, e o avanço nas áreas sem chuva regular depende da estabilização das precipitações.

Possíveis estiagens na soja podem abrir espaço para maior área de milho na primeira safra.

Tocantins: nas várzeas irrigadas, o milho foi semeado em áreas que seriam destinadas ao arroz, com projeção de crescimento. No sequeiro, a cultura, mais exigente em água que a soja, depende da estabilização das chuvas. No oeste do estado, a semeadura deve começar ao fim do mês, com a previsão de chuvas melhores.

Pará: a semeadura é restrita devido às chuvas instáveis. Em algumas microrregiões, as chuvas começaram, mas de modo efêmero, o que traz incerteza. As lavouras estão em fase inicial, em estado regular de desenvolvimento.

Mato Grosso do Sul: o cultivo do milho verão é incipiente nas regiões norte e oeste, onde as operações foram dificultadas pelo atraso na semeadura da soja e pela irregularidade das chuvas. Na região sul do estado, produtores optaram por cultivar o cereal nesta safra, pela perspectiva de preços e pela rotação de culturas, e a semeadura já foi concluída em Naviraí e Ponta Porã.

As lavouras implantadas têm bom desenvolvimento e receberam preventivos para o controle de plantas invasoras e de lagartas desfolhadoras.

Distrito Federal: cerca de 10% da área prevista estava semeada no período do levantamento, e a intensificação do plantio depende de chuvas mais regulares e volumosas, que reponham a umidade do solo. Produtores avaliam ampliar a participação do milho primeira safra nos sistemas de produção, em razão da demanda associada à produção de etanol de milho.

Rondônia: o plantio atingia 3,1% da área prevista, todo em emergência. Outubro marca a transição para a estação chuvosa, mas a irregularidade das chuvas, os veranicos e as temperaturas elevadas podem comprometer a germinação e o estabelecimento das plantas no sequeiro.

Amazonas: a semeadura não foi iniciada. O cenário é adverso por causa do El Niño, que provocou calor recorde, estiagem e forte redução da umidade do solo. O milho é usado majoritariamente para consumo animal.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2026/27											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Nordeste Paraense	0,55				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
TO	Sudoeste Paraense	1,20				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
	Sudeste Paraense	2,80				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
MA	Ocidental do Tocantins	0,63				S/E		DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Maranhense	1,72						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,67						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
PI	Sul Maranhense	4,28					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
BA	Sudoeste Piauiense	4,37				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
MT	Extremo Oeste Baiano	7,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
GO	Norte Mato-grossense	0,54			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Centro Goiano	0,64			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano	1,67			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
DF	Sul Goiano	3,04			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
MG	Distrito Federal	0,64			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas	2,56			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Norte de Minas	0,64			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,16			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Central Mineira	0,53			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,58			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	3,64			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,16			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	Zona da Mata	0,51			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Bauru	0,85			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Campinas	1,08			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga	2,00			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,71			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,52	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,67	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,01	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,72	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,10		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	5,27	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,19		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,35		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	12,44	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,10		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,56		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Fonte: Conab

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 11 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26		17.824,9	6.326	112.769,0
2026/27	Out./26	18.486,6	6.126	113.254,5
	Nov./26	18.486,6	6.126	113.254,5

Fonte: Conab.

A estimativa do milho segunda safra 2026/27 é de 113,3 milhões de toneladas, sem alteração em relação a outubro e 0,4% acima dos 112,8 milhões da safra anterior. A área, de 18,49 milhões de hectares, é 3,7% maior, o que representa um acréscimo de 661,7 mil hectares, enquanto a produtividade, de 6.126 kg/ha, é 3,2% menor.

A semeadura da segunda safra só começa após a colheita da soja, entre janeiro e março. O desempenho dependerá do ritmo da soja, da regularidade das chuvas no início de 2027 e da influência do El Niño, além do planejamento financeiro dos produtores.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 12 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	650,1	3.868	2.514,9
2024/25	635,1	4.714	2.993,6
2025/26	674,9	3.322	2.242,2

2026/27	Out./26	677,9	3.922	2.658,9
	Nov./26	677,9	3.922	2.658,9

Fonte: Conab.

A estimativa do milho terceira safra 2026/27 é de 2,66 milhões de toneladas, 18,6% maior que a safra 2025/26. A área, de 677,9 mil hectares, praticamente se mantém, com alta de 0,4%, e a produtividade, de 3.922 kg/ha, é 18,1% maior.

A cultura se concentra no Nordeste, com 655,9 mil hectares em Sergipe, Bahia, Pernambuco e Alagoas, além de 22 mil hectares em Roraima e no Amapá.

A semeadura ocorre a partir de abril, na entressafra da soja, e por isso as estimativas seguem sujeitas à regularidade das chuvas no início de 2027. Em Sergipe, a colheita da safra passada atingia 65% da área, com produtividade de 3.600 kg/ha e queda na densidade dos grãos.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2025/26								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RR	Sul de Roraima	1,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte de Roraima	4,29	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano	0,64	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Pernambucano	1,41	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
AL	Sertão Alagoano	0,75	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Alagoano	1,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Alagoano	0,47	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SE	Sertão Sergipano	24,16	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Agreste Sergipano	17,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Leste Sergipano	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,56	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Baiano	41,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Centro Norte Baiano**	0,37		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

Nota: **Total ou parcialmente irrigado.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2025/26 de milho, a Conab mensura uma produção total de 144,5 milhões de toneladas, um crescimento de 2,4%, comparando-se com a safra anterior. No mercado interno, o consumo previsto para 2026 é de 98,3 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,9% em relação à safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume importado está previsto em 1,7 milhão de toneladas na safra 2025/26. As exportações, por sua vez, dado o desempenho de julho, agosto, setembro e outubro, que ficaram num patamar abaixo da média dos últimos cinco anos, sofreram revisão para baixo e deve atingir 40,9 milhões de toneladas na mesma safra. Ao final

da safra, os estoques de milho devem alcançar 19 milhões de toneladas em fevereiro de 2027.

Para a safra 2026/2027, espera-se um crescimento de 10,7% na área cultivada para a primeira safra, dando sequência ao aumento que houve na safra anterior. Esse avanço foi motivado pelas perspectivas identificadas no momento de definição de área, realizada no segundo semestre de 2026, de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 3,7% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 3,2% na produtividade deverá manter um baixo crescimento de 0,4% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2026/27 deverá atingir 148 milhões de toneladas, representando um aumento de 2,4% em comparação com o ciclo anterior.

No panorama de abastecimento, a safra 2026/27 deverá registrar um avanço de 6,6% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem encerrar o ciclo com um volume de 20,9 milhões de toneladas.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5

2024/25		1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	91.081,8	41.631,5	12.063,6
2025/26		12.063,6	144.499,0	1.700,0	158.262,6	98.302,1	40.916,2	19.044,3
2026/27	out/26	16.044,3	148.015,9	1.700,0	165.760,2	104.811,1	46.016,8	14.932,3
	nov/26	19.044,3	148.015,9	1.700,0	168.760,2	104.811,1	43.016,8	20.932,3

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em novembro/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, clique aqui.

SOJA

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
49.305,8 mil ha	3.683 kg/ha	181.616,6 mil t
+1,4%	-0,8%	+0,7%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23		44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24		46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25		47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26		48.608,6	3.711	180.406,6
2026/27	Out./26	49.305,8	3.683	181.616,6
	Nov./26	49.305,8	3.683	181.616,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A estimativa da soja 2026/27, neste segundo levantamento, é de 181,6 milhões de toneladas, 0,7% acima dos 180,4 milhões colhidos em 2025/26. A área, de 49,3 milhões de hectares, é 1,4% maior que a da safra passada, o que corresponde a um acréscimo de 697,2 mil hectares, enquanto a produtividade, de 3.683 kg/ha, é 0,8% menor.

O aumento da área sobre a safra passada ocorre em todas as regiões. Em hectares, o maior acréscimo está no Pará, com 94,1 mil, seguido por Mato Grosso do Sul, com 78,7 mil, Mato Grosso, com 78 mil, e Minas Gerais, com 63,2 mil.

A produção deve crescer 3,3% no Sul, em especial pela recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul, 1,6% na Região Norte e fica praticamente estável no Sudeste, com 1%, mas deve recuar 1,3% no Nordeste e 0,5% no Centro-Oeste.

A semeadura da soja começou no fim de setembro no Paraná, no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. Até o fim de outubro, a semeadura representava 54,3% da área prevista, contra 47,1% na mesma data do ano passado. Em relação ao desenvolvimento da cultura, 32,6% das áreas semeadas estão em emergência e 66,3% em desenvolvimento vegetativo. Mato Grosso e Paraná concentram as lavouras mais avançadas.

O desenvolvimento inicial da cultura é, em geral, bom, e o clima de outubro explica boa parte das diferenças entre as regiões. Em Mato Grosso, as chuvas recompuseram a umidade do solo. Mato Grosso do Sul e Minas Gerais tiveram boas precipitações em quase todo o estado, embora o calor tenha preocupado a germinação no Noroeste e no Triângulo Mineiro. Goiás está em transição para o período chuvoso, com estresse hídrico em alguns municípios.

No Sul, o Paraná teve chuvas regulares, com paralisações pontuais no Noroeste e no Norte do estado, o Rio Grande do Sul teve chuvas frequentes e baixa luminosidade, e Santa Catarina teve um mês muito chuvoso, que atrasou as operações e limitou o crescimento devido ao frio.

No Norte e no Nordeste, as chuvas foram irregulares ou escassas, com volumes baixos e espaçados no Maranhão, chuva apenas no centro-sul do Piauí, estiagem no Amazonas e instabilidade no Pará.

A irregularidade das chuvas, as temperaturas elevadas e o início da safra, associados ao El Niño, mantêm a cautela quanto à produtividade, que pode ser reavaliada ao longo do ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o regime de chuvas tem sido favorável à soja e sustenta um avanço consistente da semeadura em ritmo adiantado e dentro de um padrão de normalidade. A recarga hídrica do solo no Médio-Norte deu segurança à semeadura em sequeiro, principalmente nos solos de textura mais argilosa. Houve irregularidade pontual das chuvas, com casos específicos de veranico e replantio em algumas regiões.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento vegetativo e uniformidade, sem doenças fora da normalidade e com registros pontuais de lesmas.

Paraná: as chuvas regulares de outubro garantiram umidade no solo e rápida germinação nas áreas semeadas. A semeadura atingia 62% da área estimada, com lavouras em início de floração. No Noroeste e no Norte, chuvas intensas e recorrentes causaram paralisações temporárias das máquinas e exigiram o replanejamento das janelas de plantio.

A grande maioria das lavouras apresentam boas condições. Atrasos pontuais na emergência, encharcamento temporário e perdas de estande, prejudicaram uma pequena parcela das áreas semeadas.



Foto 4 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Conselheiro Mairinck-PR

Fonte: Conab.

Goiás: o plantio avançou em todo o estado com a antecipação do calendário, iniciado em 20 de setembro, e no Sudoeste, a maior região produtora, 86% da área já estava semeada. O ritmo está acima da média dos últimos cinco anos, favorecido pelo fim antecipado do vazio sanitário, pelas chuvas de transição, por cultivares mais precoces e pela boa disponibilidade de insumos e máquinas.

As lavouras estão predominantemente em germinação e desenvolvimento vegetativo inicial, com algumas áreas em V2 e V3. De modo geral, as condições iniciais são boas, embora tenham ocorrido paralisações temporárias e estresse hídrico em alguns municípios por causa de períodos de estiagem em outubro, e tempestades pontuais de granizo em Catalão, Mineiros e Campo Alegre.



Foto 5 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Morrinhos/GO

Fonte: Conab.

Foto 6 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Portelândia-GO



Fonte: Conab.

Foto 7 - Soja - Início do desenvolvimento vegetativo -Buriti Alegre/GO



Fonte: Conab.

Rio Grande do Sul: a semeadura iniciou de forma lenta e irregular em razão das chuvas frequentes, da elevada umidade dos solos, da baixa radiação solar e das temperaturas amenas, que restringem a entrada de máquinas e dificultam a dessecação das plantas de cobertura. A antecipação, autorizada a partir de 15 de setembro, teve baixa adesão.

Nas áreas implantadas, o estabelecimento inicial é satisfatório, mas o crescimento é limitado devido à baixa luminosidade. O excesso de umidade exige atenção à qualidade da semeadura, devido ao risco de compactação e de falhas de estande, e aumenta a preocupação com patógenos de solo e com o tombamento de plântulas. A identificação de esporos de ferrugem-asiática em soja guaxa reforça o monitoramento preventivo.

Espera-se a manutenção da área, com pequeno incremento nas Missões e na Campanha, onde a soja segue o milho semeado de forma antecipada. As expectativas iniciais de produtividade são favoráveis e dependem do estabelecimento das lavouras, do clima e do manejo fitossanitário.

Mato Grosso do Sul: no norte e no nordeste do estado, as chuvas foram regulares e acima da média, o que favoreceu o avanço da semeadura. Nas demais regiões, a irregularidade das precipitações, com episódios acima de 300 milímetros, e as ondas de frio, com mínimas entre 11 °C e 14 °C no centro-sul, atrasaram as operações. O atraso preocupa os produtores do centro-sul, que tradicionalmente antecipam a colheita para aproveitar a janela ideal do milho safrinha.

As lavouras mostram bom arranque inicial e desenvolvimento heterogêneo, com casos pontuais de gastrópodes e aumento de plantas invasoras na região sul e na fronteira.

Minas Gerais: as condições climáticas têm permitido bom andamento da semeadura. Nas duas primeiras semanas de outubro, várias regiões receberam mais de 100 milímetros de chuva, o que viabilizou o plantio até em áreas de sequeiro de menor altitude, onde a soja costuma ser semeada apenas após o dia 20. Nas áreas irrigadas, as operações estão próximas da conclusão.

As temperaturas altas de outubro trouxe preocupação em relação à germinação em áreas do Noroeste e do Triângulo Mineiro, e os produtores de áreas maiores assumem mais riscos por dificuldades logísticas de concluir o plantio na janela ideal. A incerteza financeira torna os produtores mais cautelosos quanto à ampliação de área, entretanto as condições favoráveis no início da safra indicam bom potencial produtivo.

Bahia: as chuvas favoreceram o início da semeadura nas localidades com maior volume, mas a distribuição irregular ainda condiciona o avanço, que depende da regularização das precipitações. As lavouras implantadas estão em germinação e desenvolvimento vegetativo inicial.

Na soja irrigada, a semeadura está concluída e há tendência de expansão do cultivo, como estratégia para reduzir o risco da irregularidade das chuvas. Na soja de sequeiro, cerca de 15% da área projetada estava semeada, e o calendário regular do Cerrado baiano vai de 8 de outubro a 31 de dezembro.

São Paulo: o avanço do plantio ganhou ritmo com a trégua das chuvas em outubro. A região sudoeste tradicionalmente inicia o cultivo cedo, e a semeadura no segundo decêndio de outubro ainda encontra boa janela. Na região de Assis, a semeadura ocorre nas janelas entre as chuvas, e os solos com boa capacidade de campo favorecem a germinação e a emergência.

A expectativa é que os trabalhos de campo se estendam até o fim de novembro, conforme a regularidade climática.

Tocantins: outubro foi marcado pelo calor intenso e chuvas irregulares. Na primeira quinzena, predominou tempo seco e quente, com temperaturas acima de 40 °C, e as chuvas se intensificaram a partir de meados do mês, de forma desigual. No sul do estado, os volumes seguem bem abaixo do necessário, o que faz da região a de menor avanço da semeadura. A janela de sequeiro, aberta em 1º de outubro, vai até 15 de janeiro de 2027, e as áreas semeadas, concentradas no Vale do Araguaia, ainda são inferiores às do mesmo período da safra passada.

As lavouras chegaram ao estádio V1, e há produtores aplicando bioativador para recuperar plantas sob estresse. Nas regiões norte e sul a semeadura

está atrasada, e o melhor avanço ocorre no oeste e no centro-norte, onde há áreas com bom manejo de palhada e maior teor de argila. Houve replantio em Guaraí por causa do clima. Para novembro, a previsão é de chuvas mais bem distribuídas, com acumulados entre 130 mm e 160 mm.

Maranhão: a semeadura começou em outubro nos municípios do sul do estado. Nas regiões de Balsas, Chapadas das Mangabeiras e Porto Franco, as chuvas ficaram mais significativas entre 17 e 20 de outubro, com acumulados próximos de 100 mm em áreas da Serra do Penitente, e o plantio avançou de forma mais expressiva a partir da terceira semana, devendo se estender até dezembro. Em áreas próximas, as precipitações foram irregulares e de baixo volume. Em São Domingos do Azeitão, Porto Franco, no leste e no centro, o plantio começa em novembro, e nas demais regiões, a partir de dezembro.

Piauí: a semeadura ocorre, em quase sua totalidade, a partir de novembro no sudoeste, região de Cerrado, mas a previsão do El Niño, mais forte na primavera e no início do verão, pode atrasar o plantio para dezembro e o início de janeiro.

Mesmo com condição climática menos favorável, há perspectiva de aumento de área na safra 2026/27, e a produtividade deve ficar abaixo da safra anterior, que foi a maior já registrada no estado.

Santa Catarina: a implantação foi lenta em outubro, por causa das chuvas frequentes e da elevada umidade do solo, que restringiram o trânsito de máquinas e as operações de preparo, dessecação e semeadura. No Oeste e no Extremo-Oeste, 27% da área prevista estava implantada, com 80% em germinação e emergência e 20% em desenvolvimento vegetativo. No Oeste e no Meio-Oeste, a semeadura estava entre 5% e 10%, e em Canoinhas, com 7%.

O atraso na colheita do trigo também adiou a liberação de áreas. Há preocupação com o deslocamento da semeadura para períodos menos favoráveis e com os riscos de compactação, falhas de emergência e doenças de estabelecimento. A expectativa é de intensificação em novembro, e há tendência de leve expansão da área em parte dos municípios.

Pará: na região que abrange parte do sudeste e do sudoeste ao longo da BR-163, 60% das áreas já estão plantadas, mas o clima segue instável, com chuvas irregulares, que causam apreensão aos produtores. As precipitações dos últimos 30 dias ficaram entre 50 mm e 120 mm, suficientes para manter as lavouras vigorosas.

As lavouras se desenvolvem em condições apenas regulares, e o El Niño preocupa por deixar as chuvas irregulares e afetar a fenologia em várias microrregiões.

Rondônia: a transição para o período chuvoso ainda não se efetivou de forma regular, e o avanço da semeadura depende da distribuição das chuvas. Foram observados plantios em 14% da área prevista, todos em fase de emergência, e os produtores acompanham a umidade do solo para intensificar a semeadura. Veranicos e temperaturas elevadas podem comprometer o estande de plantas.

Distrito Federal: as chuvas foram irregulares, com acumulados abaixo de 50 mm na principal região produtora, e as temperaturas elevadas dificultam o estabelecimento das lavouras. Cerca de 20% da área prevista estava semeada, e alguns produtores suspenderam temporariamente a semeadura por causa da baixa umidade do solo.

Amazonas: a semeadura da soja ainda não foi iniciada. O estado enfrenta restrição hídrica, com calor recorde e estiagem severa.

Alagoas: a colheita da safra 2025/26 foi concluída na segunda quinzena de setembro, com chuvas bem distribuídas ao longo do ciclo e produtividade média de 3.600 kg/ha. Cerca de 90% da produção foi destinada à produção de sementes. A semeadura da safra 2026/27deve iniciar apenas em abril de 2027.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2026/27								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,15		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,15		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,34		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,42		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,11		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	18,80	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,18	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,84	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	4,01	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,22		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,36		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,82		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,82		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,68		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	8,40		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,56		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,68		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
SP	Assis	0,61		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Itapetininga	0,79		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2026/27								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,40	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,10		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,00		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,24		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,38	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,15	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,84		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,94		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,87		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	4,26		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,68		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,83		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,88		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,94		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a produção brasileira de soja em grãos alcance 181,62 milhões de toneladas na safra 2026/27, crescimento de 1,21 milhão de toneladas, ou 0,7% em relação às 180,41 milhões de toneladas projetadas para 2025/26.

Para a safra 2026/27, a área cultivada está estimada em 49,31 milhões de hectares, expansão de 1,4% em relação ao ciclo anterior, o que representa o menor crescimento percentual dos últimos 20 anos. Em contrapartida, a produtividade média deverá apresentar redução de 0,8%, limitando o avanço da produção nacional.

As exportações de soja em grãos permanecem estimadas em 117,97 milhões de toneladas em 2026/27, volume de 1,76 milhão de toneladas superior ao projetado para 2025/26, de 116,20 milhões de toneladas. Apesar do incremento, o ritmo de crescimento dos embarques deverá ser moderado, refletindo a menor expansão da oferta brasileira e a maior concorrência

internacional, especialmente dos Estados Unidos, cuja produção poderá atingir índices recordes na temporada.

Em relação ao levantamento anterior, a Conab revisou para cima a estimativa de processamento de soja, com acréscimo de 304 mil toneladas em 2025/26 e 109 mil toneladas em 2026/27. Com isso, o esmagamento passou a ser estimado em 62,09 milhões de toneladas e 63,87 milhões de toneladas, respectivamente. Esse ajuste está associado, principalmente, à perspectiva de maior demanda externa por óleo de soja, favorecida pela manutenção da mistura obrigatória de biodiesel ao diesel em 15% (B15) em 2026.

No mercado de óleo de soja, a não aprovação da elevação da mistura obrigatória de biodiesel ao diesel para 16% (B16) em 2026 reduziu a expectativa de utilização do óleo de soja na produção nacional de biodiesel, ampliando a disponibilidade do produto para exportação. Diante desse cenário, a estimativa de exportações para 2025/26 foi elevada em 150 mil toneladas, passando de 1,9 milhão para 2,05 milhões de toneladas.

Para 2027, as projeções já consideram a elevação da mistura obrigatória de biodiesel ao diesel para 16% (B16), com seus efeitos incorporados às estimativas de produção de óleo de soja. Entretanto, a expectativa de manutenção de um elevado volume de exportações levou à revisão para cima dos embarques em 400 mil toneladas, passando de 1,4 milhão para 1,8 milhão de toneladas. Como consequência, a estimativa de vendas no mercado interno para 2026/27 foi reduzida em 440 mil toneladas, passando de 11,63 milhões para 11,19 milhões de toneladas, ajuste de magnitude próxima ao aumento projetado para as exportações do produto.

No farelo de soja, a maior expectativa de processamento também contribuiu para a revisão da produção, que passou de 47,58 milhões de toneladas para 47,78 milhões de toneladas em 2025/26, aumento de 208 mil toneladas.

Para 2026/27, a projeção foi elevada em 74 mil toneladas, alcançando 49,16 milhões de toneladas. As exportações de farelo permaneceram estáveis em 27,1 milhões de toneladas para 2026/27, enquanto as vendas internas foram mantidas em 22,08 milhões de toneladas.

Por fim, as revisões nas estimativas de oferta e demanda resultaram em ajustes nos estoques finais. Para a soja em grãos, o estoque projetado para 2026/27 foi reduzido em 413 mil toneladas, passando de 6,54 milhões de toneladas para 6,13 milhões de toneladas. No mesmo período, os estoques finais de farelo foram elevados em 282 mil toneladas, atingindo 3,87 milhões de toneladas, enquanto os de óleo de soja recuaram 49,4 mil toneladas, para 587,5 mil toneladas.

TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2025/26	9.974,6	180.406,6	900,0	191.281,2	65.851,8	116.203,8	9.225,6
	2026/27	9.225,6	181.616,6	900,0	191.742,2	67.650,6	117.966,2	6.125,4
FARELO	2025/26	3.802,4	47.784,5	1,0	51.587,8	21.400,0	26.295,9	3.891,9
	2026/27	3.891,9	49.156,5	1,0	53.049,4	22.078,4	27.100,0	3.871,0
ÓLEO	2025/26	660,6	12.495,2	100,0	13.255,8	10.570,0	2.050,0	635,8
	2026/27	635,8	12.840,7	100,0	13.576,5	11.189,0	1.800,0	587,5

Fonte: Conab e Secex.
Nota: Estimativa em novembro/2026.
Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, clique aqui.

TRIGO

ÁREA
1.914,3 mil ha
-21,7%

PRODUTIVIDADE
2.748 kg/ha
-14,6%

PRODUÇÃO
5.260,5 mil t
-33,2%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

TABELA 16 - TRIGO

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020		2.040,5	2.526	5.154,7
2021		2.341,5	2.663	6.234,6
2022		2.739,3	2.803	7.679,4
2023		3.473,4	2.331	8.096,8
2024		3.058,7	2.579	7.889,3
2025		2.445,9	3.219	7.873,4
2026	Out./26	1.928,8	2.973	5.734,9
	Nov./26	1.914,3	2.748	5.260,5

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A colheita avança e foi finalizada em seis das nove Unidades da Federação produtoras, com áreas a serem colhidas na Região Sul. No total, a colheita foi finalizada em cerca de dois terços da área cultivada.

Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Bahia concluíram suas operações, com poucas intercorrências com as precipitações durante a colheita.

Já na Região Sul e em São Paulo, a maior pluviosidade do último mês trouxe dificuldades para a maturação e secagem dos grãos, bem como para a execução da colheita, que é mecanizada, prejudicando a qualidade do grão e a produtividade.

Além disso, a alta umidade predispõe a cultura a doenças fúngicas, como a Giberela e Brusone, que beneficiam desse microclima, e reduz a qualidade dos grãos colhidos. Essas adversidades climáticas afetam, em especial, as regiões do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina, onde a colheita segue em andamento.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita do trigo avança, consolidando as perspectivas de redução do potencial produtivo e da qualidade dos grãos em relação à safra passada. Esse cenário resulta, principalmente, das condições climáticas adversas ao longo do ciclo, marcadas por chuvas frequentes, baixa luminosidade e ocorrência de temporais, fatores que, associados à elevada pressão de doenças, comprometeram o desenvolvimento da cultura e a qualidade do grão colhido. A elevada umidade favorece doenças, como giberela e manchas foliares, além de comprometer o peso hectolítrico (PH) e elevar a necessidade de secagem artificial.

A colheita avança em ritmo heterogêneo, com perdas quantitativas e qualitativas, associadas ao acamamento, à debulha de espigas, à redução do PH e à germinação dos grãos ainda nas espigas. As lavouras se dividem com 2% em florescimento, enquanto 11% estão em enchimento de grãos, 50% em maturação e 37% já foram colhidas. A colheita está mais avançada nas regiões do Alto Uruguai e das Missões.

Nas Missões, foram registrados danos decorrentes de granizo e ventos fortes, com acamamento, debulha e perda de estruturas reprodutivas. No Planalto Médio, região que abrange os municípios de Cruz Alta e Ijuí, a colheita alcançou 15% da área, enquanto 85% das lavouras permanecem em maturação. Na Campanha e na região Sul, as lavouras encontram-se predominantemente em enchimento de grãos e maturação, com poucas áreas ainda em floração. No Planalto Superior, as primeiras operações de colheita estão previstas para a segunda quinzena de novembro.

Paraná: a produtividade média estadual reduziu, refletindo o clima adverso na safra. O progresso estadual aponta para quase 90% da área colhida, com as operações tardias nas regiões de clima mais frio e de altitude elevada, onde a umidade constante do solo influenciou o progresso da cultura. Em razão dos danos provocados por doenças e intempéries, as lavouras remanescentes e os lotes colhidos apresentam um quadro de classificação em condições regulares ou ruins.



Foto 8 - Trigo - Maturação - Tibagi-PR

Fonte: Conab.

São Paulo: a colheita do trigo no sudoeste do estado foi finalizada. Embora o volume colhido tenha alcançado as expectativas de produtividade, a qualidade do grão foi comprometida pelas chuvas na reta final do ciclo, reduzindo o PH. Cerca de 90% do volume colhido foi rebaixado e classificado como "fora de tipo", sendo redirecionado para a nutrição animal. O grande gargalo comercial do momento é o escoamento dessa mercadoria. O trigo de baixa qualidade concorre em um mercado saturado com outros cereais de inverno que sofreram o mesmo revés climático, como o triticale e a cevada.

Santa Catarina: o excesso de chuva e de umidade, combinado com períodos prolongados de baixa radiação solar, prejudicaram o desenvolvimento das lavouras e a qualidade sanitária e comercial dos grãos. Na fase final do ciclo, as chuvas recorrentes elevam o risco de doenças fúngicas, de germinação dos grãos ainda na espiga e de queda do PH.

A cultura se encontra nas fases de enchimento de grãos, maturação e colheita.

No Planalto Norte, a colheita deve começar nos próximos dias; no Planalto Sul, a previsão é de início em meados de novembro. No Oeste e Extremo-Oeste, as lavouras estão distribuídas entre as seguintes fases: 3% em enchimento de grãos e final de maturação (EG/FM), 53,1% em maturação e 43% colhidas. As estimativas de campo indicam redução da produtividade em relação à safra anterior, além de perda de qualidade dos grãos. Na região Oeste e Extremo-Oeste, apontam perdas totais e parciais em lavouras atingidas por tempestades de granizo.

Há preocupação com doenças fúngicas de espiga, especialmente giberela, e com viroses transmitidas por pulgões, como o amarelão do trigo. O controle fitossanitário realizado ajudou a evitar danos ainda maiores. O atraso na colheita do trigo também poderá influenciar a semeadura da soja.

Bahia: a colheita foi concluída, com grãos de boa qualidade e produtividade dentro das expectativas. Não foram identificadas perdas expressivas associadas à incidência de pragas ou doenças. O cultivo irrigado permitiu maior controle do suprimento hídrico e reduziu a exposição à irregularidade das chuvas.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões–	Produ-ção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano	0,86	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	0,57	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	1,24	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,86	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,96	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	1,15	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,73	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Itapetininga	4,25	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,09	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,05		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense	3,99	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	6,62	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,14		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,56		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Catarinense	0,81		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Serrana	1,15		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	36,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,69			S	S/E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,18		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG//M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	0,77		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,49		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,66		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E E DEMANDA

O preço do trigo em grãos começou a se estabilizar no Brasil, com o Paraná apresentando leve queda e os outros dois estados da Região Sul apresentando leve alta no último mês. No Paraná, as cotações passaram de R$ 81,18 em setembro para R$ 80,72 em outubro, registrando queda de 0,57%. No Rio Grande do Sul, o preço médio subiu de R$ 71,89 para R$ 73,22 no mesmo período, variação positiva de 1,85%, mesmo sendo um período de colheita, uma vez que a qualidade do trigo foi prejudicada pelo excesso de chuvas nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, devido ao fenômeno El Niño.

No cenário global, as cotações internacionais apresentaram tendências divergentes ao longo de outubro, com quedas praticamente por todo o mês nos mercados do Hemisfério Norte, enquanto na América Latina, até meados de outubro, a tendência era de alta pela dificuldade em encontrar grãos de trigo de qualidade. O trigo Hard norte-americano iniciou o mês com cotação de US$ 295,85 por tonelada, mas terminou o mês valorado em US$ 262,63 por tonelada no final de outubro. O preço dos contratos futuros de trigo em Kansas apresentou tendência parecida, considerando-se os contratos de vencimento mais próximo, passando de US$ 269,33 para US$ 236,72 por tonelada, forte queda de 12,11%.

Esse movimento foi favorecido pelo anúncio de que a Rússia voltaria a exportar grãos pelo mar de Azov e acordos de comércio entre Estados Unidos e Rússia, o que pode reduzir os riscos comerciais da Rússia, principal exportador de trigo no mundo. Na Argentina, o preço médio caiu de US$ 255,23 em setembro para US$ 225,90 por tonelada em outubro, com o preço de US$ 221 por tonelada na última cotação do mês.

A Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade do trigo. A estimativa é que sejam plantados 1.914,3 mil hectares, redução de

21,7% em relação à safra anterior, e colhidas 5.260,5 mil toneladas, volume 33,2% inferior ao registrado na última safra. A produtividade média está estimada em 2.748 kg/ha, queda de 14,6% em relação ao ano anterior. A redução da área e da produtividade contribui para a diminuição expressiva da produção nacional.

Esses valores, no entanto, não mostram a realidade do produtor de trigo, pois nas Regiões Sul e Sudeste, em razão das chuvas intensas, o trigo do tipo 1 está bem raro. Com muito trigo fora de tipo, há uma demanda maior para esse trigo compor rações, pois não pode ser empregado na panificação nem em outros usos industriais, sendo destinado, portanto, à substituição do milho na formulação de rações, o que aumenta o consumo do trigo no geral, pois ainda teremos a demanda por farinha para pães, bolos, biscoitos etc., mas boa parte do trigo colhido será utilizado para alimentar animais. E isso gera outra situação de demanda, que é a necessidade de importação de trigo do tipo 1 para ser utilizado na fabricação de farinhas, assim, para a safra 2026, o volume estimado de importação é de 8.944,7 mil toneladas. A previsão de consumo é de 13,2 milhões de toneladas, ainda necessitando entender melhor os impactos do trigo do tipo feed na formulação de rações no Brasil e quanto isso impactará na demanda do trigo e de outros produtos, enquanto as exportações devem atingir 1.524,1 mil toneladas, resultando em uma demanda total de 14.724,1 mil toneladas.

Diante desse cenário, a previsão é encerrar a safra 2026 com estoques finais de 436,5 mil toneladas. Este volume é bem inferior ao apresentado no levantamento anterior, pois o trigo deve sofrer um aumento forte de demanda devido ao uso em rações, enquanto a produção nacional está significativamente menor e mantém elevada a dependência das importações para o abastecimento interno, ainda mais nesse cenário de escassez de trigo

de qualidade. Esse cenário, no entanto, não significa que o produtor terá preços mais remuneradores, pois a qualidade do trigo está muito baixa, e o Brasil, como importador de trigo, depende muito dos preços internacionais e, principalmente, da produção argentina, para suprir a demanda nacional nessa situação tão difícil.

TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020		2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021		2.058,7	7.679,4	6.079,0	15.817,1	11.849,8	3.028,3	939,0
2022		939,0	10.554,4	4.514,2	16.007,7	11.894,1	2.654,0	1.459,6
2023		1.459,6	8.096,8	5.699,9	15.256,3	11.943,6	2.791,0	521,7
2024		521,7	7.889,3	6.822,2	15.233,2	11.890,6	1.872,6	1.470,0
2025*		1.470,0	7.873,4	6.129,4	15.472,8	12.700,0	1.817,3	955,5
2026**	out/26	1.765,1	5.734,9	7.056,6	14.556,6	12.000,0	1.494,1	1.062,5
	nov/26	955,5	5.260,5	8.944,7	15.160,6	13.200,0	1.524,1	436,5

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em novembro/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, clique aqui.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Tocantins: a semeadura deve iniciar em novembro. Os produtores aproveitam para realizar o manejo de solo, como a descompactação.

Paraná: a umidade adequada no solo e o avanço gradual do aquecimento com a chegada da primavera garantiram boas condições para o início da semeadura e a germinação das lavouras no estado. No entanto, em regiões específicas, a exemplo do Sudoeste e de municípios do Oeste, o excesso de chuvas e as precipitações volumosas de outubro impuseram paralisações pontuais e dificuldades operacionais nas operações de preparo e plantio.

A semeadura avançou para 62,8% da área estimada, no momento do levantamento. Do total já implantado, as lavouras dividem-se em 23% em fase de emergência e 77% em desenvolvimento vegetativo.

Com a safra atual em fase de implantação e desenvolvimento inicial, a comercialização encontra-se zerada, enquanto a safra anterior está 100% comercializada. A produção estadual permanece concentrada em polos como Toledo, Paranavaí, Jacarezinho e Londrina, direcionada ao abastecimento do comércio varejista e indústrias regionais de alimentos e doces.

São Paulo: as áreas foram preparadas em agosto. Alguns produtores iniciaram a semeadura em setembro, mas o longo período de precipitações impediu a entrada de máquinas, fazendo com que os polos produtores avançassem a semeadura em apenas 40% da área.

Nas áreas semeadas, o grande volume de precipitação ocasionou o selamento superficial do solo, o que dificulta a emergência das plântulas e afeta o estande de plantas.

Mato Grosso Sul: com volumes de chuvas bem variados, mas considerados favoráveis, boa parte das áreas cultivadas apresentaram condições hídricas favoráveis à cultura.

Entretanto, a persistência do evento e a irregularidade das precipitações interromperam a entrada de maquinários nas lavouras, impedindo o progresso da semeadura. Diante desse cenário, as operações foram retomadas após a primeira quinzena de outubro, onde houve predomínio de tempo firme e umidade disponível no solo.

Para esta safra, foi constatado uma redução significativa na área cultivada, onde parte desse recuo está relacionada principalmente à combinação de condições de preços consideradas menos atrativas e dificuldades de comercialização e os custos de produção.

A semeadura do amendoim segue em operação, onde os cultivos foram intensificados nas regiões sul e sudeste do estado. As operações iniciaram em setembro, e a expectativa é que a maior parte do plantio seja concluída até meados de novembro, período considerado favorável à semeadura. O cumprimento dessa janela é importante para o desempenho da cultura, pois o amendoim responde ao fotoperíodo, e eventuais atrasos que poderão afetar seu potencial produtivo. Até o momento, a cultura segue predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo, não apresentando intercorrências fitossanitárias.

O mercado doméstico do amendoim vem apresentando um cenário complexo, onde os produtores seguem priorizando o cumprimento de contratos pontuais em razão da conjuntura de custos de produção e preços.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2026/2027						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	10,31	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araraquara	6,00	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	9,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	20,65	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Assis	4,11	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	15,82	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	11,45	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	8,19	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul: a safra de girassol apresenta-se como uma alternativa para a rotação de culturas e a diversificação das propriedades rurais gaúchas. O interesse pela lavoura é impulsionado pela amplitude de seus mercados, que abrangem a produção de biocombustíveis e o fornecimento de matéria-prima para a alimentação humana e animal.

Com a semeadura concluída dentro da janela recomendada, as projeções para o ciclo atual indicam estabilidade na área cultivada, projetada em 6 mil hectares. A expectativa de produtividade está em 1.694 kg/ha.

O panorama fenológico do cultivo aponta que 94% das lavouras encontram-se no estádio de desenvolvimento vegetativo, enquanto 6% já ingressaram

no período reprodutivo de floração. No âmbito fitossanitário, há registro de ocorrência de mofo-branco (Sclerotinia sclerotiorum), doença favorecida por temperaturas abaixo de 25 °C aliadas à elevada umidade relativa do ar. Além disso, os prognósticos que indicam precipitações acima da média durante as fases reprodutivas acendem um alerta para o risco do aumento de doenças e do consequente comprometimento do potencial produtivo da cultura.

As lavouras estão concentradas, majoritariamente, nas regiões das Missões e da Campanha. Na Campanha, as áreas implantadas de forma antecipada em agosto apresentam o desenvolvimento mais avançado do estado, evoluindo para o início da fase reprodutiva com o aparecimento do botão floral no topo da haste (estádio R1) e pontos isolados em alongamento do botão floral (estádio R2). Por sua vez, nas Missões e demais regiões produtoras do estado, o cenário predominante é das plantas em estádio vegetativo e desenvolvimento normal.

MAMONA

Bahia: expectativa de manutenção de área. Nas localidades que ocorreram chuvas, houve a recuperação vegetativa das lavouras de sequeiro e conforto térmico para a frutificação das lavouras irrigadas, além de condições para o plantio das novas lavouras. As altas temperaturas registradas até então e a baixa umidade do ar limitavam a formação e polinização das flores e a formação dos frutos. Espera-se que em novembro de 2026, com a regularização das chuvas, o plantio das novas lavouras avance e as lavouras em campo iniciem a fase de frutificação.

As lavouras de sequeiro oriundas da safra passada apresentam recuperação da qualidade vegetativa, após cerca de seis meses sem ocorrência de chuvas significativas. Estima-se que cerca de 40% da área cultivada seja de lavouras de sequeiro e de irrigadas, ambas remanescentes da safra passada, que seguirão para o segundo ciclo de produção.

As cotações seguem estáveis, pressionadas pela importação de mamona da Índia e pela produção oriunda da região oeste da Bahia.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, clique aqui.

OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a colheita avança de forma desigual entre as regiões, em decorrência das precipitações frequentes e da elevada umidade dos solos, que dificultam a entrada de máquinas nas lavouras. Quanto a fenologia, 70% das áreas já foram colhidas, enquanto 20% estão em maturação e 10% finalizando e em enchimento de grãos.

Com a colheita da maior parte das lavouras, estima-se que a área cultivada é de 388,9 mil hectares. As condições meteorológicas adversas registradas ao longo do ciclo, especialmente as chuvas intensas, a baixa luminosidade, as geadas, o granizo e os ventos fortes, comprometeram o desenvolvimento das plantas e provocaram acamamento, debulha de panículas e perdas de produtividade.

Diante desse cenário, a expectativa de produtividade média é de aproximadamente 2.086 kg/ha, o que representa uma redução de 10,7% em relação à estimativa apresentada no levantamento anterior. Além das perdas quantitativas, a qualidade dos grãos colhidos até o momento está abaixo do esperado em diversas regiões, sobretudo em relação ao peso do hectolitro (PH), restringindo sua comercialização para a indústria de alimentos. Parte da produção que não atende aos padrões exigidos tem sido destinada à alimentação animal, enquanto algumas lavouras inicialmente destinadas à produção de grãos estão sendo mantidas como cobertura do solo.

Em algumas regiões como no Alto Uruguai e Missões, a colheita está praticamente concluída, com avanço entre 85% e 95% das áreas. As produtividades esperadas

variam de 1.200 kg/ha a 2.424 kg/ha, com reduções entre 3% e 30% em relação ao levantamento anterior. O município de Palmeira das Missões mantém a expectativa de produtividade mais elevada da região. Além das perdas quantitativas provocadas por granizo, ventos fortes e acamamento, a qualidade dos grãos está abaixo do esperado.

Na região Noroeste, incluindo Cruz Alta e Ijuí, a colheita alcançou aproximadamente 45% da área, enquanto os 55% restantes permanecem em maturação. As chuvas frequentes e os temporais dificultam as operações mecanizadas e favorecem o acamamento, a debulha das panículas e a deterioração dos grãos, comprometendo o rendimento e a qualidade comercial. O avanço efetivo da colheita depende da ocorrência de períodos secos, que permitam a entrada das máquinas e a retirada dos grãos com umidade adequada. Em condições de elevada umidade, podem ocorrer o desenvolvimento de fungos na massa de grãos, comprometendo sua conservação e qualidade. Dessa forma, é importante monitorar as condições de secagem e armazenagem, bem como a classificação dos lotes, a fim de minimizar os riscos de deterioração durante o período pós-colheita.

Nas regiões da Campanha e Sul, a maior parte das lavouras permanece em maturação, com algumas áreas ainda em enchimento de grãos. Na região mais Central, a colheita chegou a 10%, todavia deve ganhar ritmo à medida que a umidade do solo e da palha permitam. Nas localidades com menores volumes de chuva, a colheita avançou mais rapidamente. Em algumas propriedades, os custos de controle de plantas invasoras e doenças, associados às perspectivas desfavoráveis de produtividade e qualidade, levaram à manutenção das lavouras como cobertura do solo. O baixo nível tecnológico adotado em parte das lavouras vem influenciando as produtividades obtidas, especialmente em relação ao controle de doenças.

No Planalto Superior, onde as lavouras apresentam desenvolvimento fenológico mais atrasado, a condição geral é regular. Na porção oeste da região, a expectativa de produtividade foi mantida, embora a continuidade das condições adversas possa levar à destinação de algumas áreas para cobertura do solo. Na porção leste, as lavouras estão mais atrasadas, predominantemente no início do enchimento de grãos, mas apresentam potencial para boas produtividades, especialmente onde a sanidade da folha-bandeira permanece satisfatória. O controle químico de doenças é mais frequente entre os produtores tecnificados, sobretudo nas áreas destinadas à produção de grãos para indústria alimentícia.

Paraná: a ocorrência de precipitações e as oscilações térmicas registradas nas fases finais de enchimento de grãos e maturação causaram reduções pontuais de rendimento e perdas na qualidade em algumas regiões.

A área cultivada consolidou-se em 106,8 mil hectares, com expectativa de produtividade média de 2.259 kg/ha. O progresso de campo aponta 88,4% da área colhida, restando 11,6% em fase de maturação. Quanto à sanidade e ao desenvolvimento das lavouras restantes, 79% encontram-se em boas condições, 20% em condições regulares e 1% em condições ruins.

A comercialização da safra atual alcançou 44,9% do volume produzido, impulsionada pelo atendimento aos contratos com a indústria de processamento e ração, mantendo o mercado físico com ritmo constante de escoamento.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,70	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense	2,31	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Norte Central Paranaense	2,99	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,18	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,34	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	2,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,90	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,80		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	56,41		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	7,40			S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,79		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,72		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	2,78		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a canola alcançou na safra 2026 a maior área de sua história no estado, consolidando um total de 385 mil hectares cultivados. Contudo, a produtividade média sofreu uma retração expressiva, situando-se em 1.282 kg/ha. Essa perda no potencial produtivo estadual deveu-se diretamente à ocorrência recorrente de eventos climáticos severos durante as fases críticas do desenvolvimento e na colheita.

O panorama fenológico aponta para o encerramento do ciclo da cultura, com 74% da área estadual já colhida e os 26% remanescentes em fase de

maturação. Do ponto de vista agroclimático e fitossanitário, o excesso de precipitação, acompanhado por rajadas de vento, granizo e sequência de dias nublados, prejudicou o enchimento de grãos e a integridade das estruturas reprodutivas. A alta umidade relativa sustentada e o tempo encoberto criaram ambiente favorável a fungos, favorecendo a incidência de mofo-branco na fase reprodutiva e o escurecimento das síliquas. Além disso, a manutenção das plantas no campo sob essas condições aumentou o risco de deterioração fisiológica e de germinação dos grãos ainda nas síliquas.

As Missões destacaram-se como a região mais afetada por tempestades e granizo, acumulando as maiores perdas do estado, com reduções de rendimento superior a 50% da produtividade esperada. Diante do risco de deiscência e debulha natural, os produtores optaram por colher grãos com teor de umidade elevado, variando de 18% a 20%, distante do patamar ideal de 13% a 14%. Esse cenário vem causando embuchamento nos sistemas de movimentação e descarga nas moegas das unidades de recebimento. Em algumas áreas severamente atingidas, a baixa produtividade projetada inviabiliza economicamente a operação de colheita, enquanto talhões pontuais preservam resultados próximos das expectativas iniciais.

Na região de Sarandi e Três de Maio, a área cultivada consolidou-se em 10 mil hectares, com 100% dos trabalhos de colheita já finalizados. O impacto pontual de granizo e ventos fortes ajustou a expectativa média local para cerca de 1.100 kg/ha, embora áreas não atingidas tenham registrado rendimentos superiores a 1.800 kg/ha. Na região de Frederico Westphalen, a área totalizou 17.210 hectares, e a produtividade média estimada é 27% menor que no mês anterior. A fenologia local apresenta 95% de área colhida e 5% em maturação, sendo as perdas atribuídas a temporais, granizo, pressão de mofo-branco e deficiências no manejo (semeadura e controle

fitossanitário) por parte de produtores inexperientes com a cultura.

Na região de Campo Novo, o plantio cobriu 7.360 hectares, atingindo 95% de área colhida e 5% em maturação, com rendimentos médios estabilizados próximos a 900 kg/ha, refletindo um decréscimo de 50% na expectativa frente ao levantamento anterior. Por sua vez, na região de Palmeira das Missões, a área somou 8 mil hectares, com rendimento reajustado em cerca de 20%, para 1.746 kg/ha devido a granizo, ventos, acamamento e excesso de umidade. Com 50% da colheita realizada, 30% em maturação e 20% em enchimento de grãos, a região registra atraso nos trabalhos decorrente das chuvas acumuladas no período de semeadura.

Nas demais regiões produtoras do Noroeste gaúcho, abrangendo as regiões de Ijuí e Cruz Alta, o encerramento do ciclo segue sob impacto de ventos fortes e precipitações, que provocaram o acamamento e a abertura das síliquas maduras. O retardo nas operações decorre da dificuldade de tráfego de máquinas em solo encharcado, demandando cuidados na colheita em períodos secos para conter danos mecânicos e mitigar os custos com secagem. Onde há desuniformidade, a dessecação pré-colheita tem sido avaliada tecnicamente para organizar as operações.

Na porção que engloba a região leste da Depressão Central, a Serra do Nordeste, o Planalto Superior e o Leste do Planalto Médio, a cultura apresentou um estabelecimento inicial adequado até meados de julho, quando chuvas fortes e geadas causaram perdas pontuais de estande. A partir de setembro, no florescimento e enchimento de grãos, episódios contínuos de chuva, baixa radiação, temperaturas amenas e geadas pontuais limitaram o crescimento das plantas e comprometeram as estruturas reprodutivas.

Em outubro, o avanço da maturação e da colheita foi interrompido por

temporais que provocaram a debulha dos grãos, alterando a condição geral das lavouras para regular e gerando estimativas de produtividade com ampla variação, entre 500 kg/ha e 1.800 kg/ha, com os produtores dedicando-se às últimas aplicações fitossanitárias antes da entrada das máquinas.

Na região Central do estado, as operações de colheita evoluíram para mais de 50% da área cultivada. Paralelamente, nas regiões Sul e Campanha, as lavouras encontram-se predominantemente nos estágios de maturação e enchimento de grãos. Apesar da manutenção de um estande de plantas considerado bom, o porte reduzido das plantas e a preocupação constante com a umidade elevada e o excesso de chuvas confirmam a tendência de revisão para baixo nas produtividades projetadas no início da safra.

Paraná: as precipitações e as oscilações térmicas registradas nas fases finais de enchimento de grãos e maturação impactaram pontualmente o rendimento das lavouras em praças produtoras como Campo Mourão e Guarapuava.

A área cultivada consolidou-se em 6,6 mil hectares, com produtividade média estadual de 1.705 kg/ha. O progresso de campo encontra-se totalmente finalizado, com 100% da área colhida. Segundo os dados de acompanhamento de campo, a avaliação de condição das áreas registrou 40% em boas condições e 60% em condições médias.

A comercialização da safra atual atingiu 4,3% do volume produzido, mantendo o fluxo focado no atendimento às indústrias processadoras regionais.

CENTEIO

Paraná: as variações térmicas e as precipitações registradas nas fases de enchimento de grãos e maturação impactaram pontualmente o rendimento das lavouras.

A área cultivada consolidou-se em 3 mil hectares. A produtividade média estadual é estimada em 1.751 kg/ha, uma retração de 27,1% em relação à safra passada.

O progresso de campo aponta 34,9% da área colhida e 61,3% em fase de maturação.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a colheita iniciou nas regiões menos tradicionais da cultura, como o oeste do Planalto Médio e metade sul do estado. A área colhida representa 9% da área estadual. Nestas regiões, por se tratarem de poucas áreas, a colheita já se aproxima do final.

Nas principais regiões produtoras (leste do Planalto Médio e Planalto Superior) a semeadura foi levemente atrasada em razão de chuvas que ocorreram no final de junho e julho na região. Assim, as lavouras ainda estão em estádios fenológicos mais atrasados, especialmente no enchimento de grãos. Nestas áreas os produtores ainda realizam os manejos fitossanitários com fungicidas visando garantir a qualidade dos grãos, especialmente o poder germinativo, característica fundamental para o direcionamento dos grãos para a produção de malte.

Além de apresentar 9% da área colhida, em termos de Rio Grande do Sul,

16% da área está em maturação, 59% em enchimento de grãos e resta 16% da área ainda em florescimento. Estas últimas deverão ser colhidas somente em dezembro.

No campo as aplicações de fertilizantes nitrogenados foram finalizadas, mas seguem os manejos fitossanitários. Também iniciam os preparativos para a colheita dos grãos por meio da regulagem das colhedoras e atividades de manutenção dos equipamentos.

Em razão de chuvas volumosas e recorrentes, alta nebulosidade e manutenção de alta umidade do ar, a pressão de doenças nas lavouras foi extremamente alta e os produtores não conseguiram realizar o manejo preventivo conforme determinam as recomendações técnicas. Assim, a estimativa de produtividade é de 3.257 kg/ha, volume 7,2% inferior à safra passada.

Paraná: as precipitações excessivas e as oscilações térmicas, registradas nas fases finais de enchimento de grãos e maturação, dificultaram a secagem em campo e causaram perdas severas na qualidade dos lotes. Houve redução no peso hectolítrico (PH) e aumento da ocorrência de grãos manchados, com reflexos diretos no rendimento industrial e na perda do padrão sanitário/comercial exigido pelas maltarias em regiões como União da Vitória, Pato Branco e Curitiba.

A área cultivada é estimada em 129,8 mil hectares, apresentando expansão de 25,2% frente à safra anterior, impulsionada pelas ampliações em Ponta Grossa, Guarapuava e Curitiba. No entanto, a produtividade média estadual sofreu forte retração, caindo para 3.780 kg/ha. O progresso de campo aponta 38,3% da área colhida, 55,9% em maturação e 5,8% em enchimento de grãos. O cultivo foi realizado integralmente em plantio direto, com sementes convencionais e alto nível tecnológico (96,4%).

A comercialização da safra atual (2025/26) atingiu 23,7% do volume produzido. O ritmo das vendas segue atrelado ao cumprimento de contratos prévios com a indústria cervejeira e às exigências de classificação do produto entregue, enquanto a safra anterior (2024/25) encontra-se totalmente esgotada (100% negociados).

TRITICALE

Rio Grande do Sul: após a conclusão da semeadura, os produtores seguem focando suas atividades nos manejos da cultura. O controle das plantas competidoras já foi finalizado. Nas áreas onde os produtores optaram por fazer apenas uma operação de aplicação de fertilizante nitrogenado esta já foi realizada. Nas áreas onde a aplicação foi parcelada, a operação deve ser finalizada até o final de setembro. Em termos de pragas e doenças, a cultura apresenta maior rusticidade e os manejos ainda não iniciaram.

A semeadura ocorreu em 10% da área em maio e nos 90% restantes em junho. As lavouras encontram-se com 12% em florescimento e 88% em desenvolvimento vegetativo.

Maio, junho e a primeira quinzena de julho registraram temperaturas inferiores à normal climatológica, condição que limitou o desenvolvimento vegetativo, mas favoreceu o perfilhamento e sanidade das plantas. A partir da segunda quinzena de julho ocorreram eventos de chuvas volumosas e dias consecutivos de baixa luminosidade e alta umidade relativa do ar, causando preocupação entre os produtores da cultura, especialmente quanto à eficiência do fertilizante nitrogenado aplicado.

Paraná: o plantio está concluído. As condições climáticas têm favorecido o estabelecimento da cultura, com boa umidade no solo. As temperaturas mais baixas do período contribuem para o desenvolvimento inicial, embora o excesso de chuvas pontuais tenha deixado pequena parcela em condição regular.

Áreas implantadas estão com 50% em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração, 16% em frutificação e 4% em maturação, apresentando bom estande.

A cultura é voltada para alimentação animal e integração pecuária. Sem vendas futuras expressivas.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, clique aqui.



Conab

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO